

EVERTON FERNANDO PIMENTA

INES PIACESI, 1895-1981: UM ENSAIO  
BIOGRÁFICO

MONOGRAFIA DE BACHARELADO

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2007

EVERTON FERNANDO PIMENTA

INES PIACESI, 1895-1981: UM ENSAIO  
BIOGRÁFICO

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata.

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

Mariana, 2007

## AGRADECIMENTOS

Agradecer é uma tarefa tão árdua quanto a própria realização desse trabalho, portanto, desde já, peço a compreensão se por acaso me esquecer de alguém que tenha de alguma forma, contribuído para a realização do mesmo.

Inicialmente agradeço a meus pais Vanderley e Ivone, que sempre estiveram ao meu lado e que me possibilitaram a concretização de meu desejo de estudar História. É necessário enfatizar que sem eles esse estudo não poderia ser realizado. Mesmo que às vezes não concordassem e não entendessem certas decisões por mim tomadas, me apoiaram em todos os momentos. Foi, portanto, devido aos sacrifícios por eles feitos que pude concretizar essa pesquisa.

À Márcia e Marcos, meus queridos irmãos, que mesmo à distância foram sempre pessoas importantes para minha formação, servindo de exemplo para minhas ações. Às minhas sobrinhas Fernanda e Mariana e ao Bruno por compartilharem sempre os melhores momentos de meus sempre curtos retornos ao lar.

À Família Piacesi, que me forneceu todo o apoio e confiança para que eu pudesse realizar esse estudo. Em especial à Dona Leda e Elge, por aceitarem narrar parte de sua vida, à Eliza, Vana e Marilda pelo fundamental apoio, a Paolo Piacesi e à Adriana Piacesi, que mesmo sem me conhecerem pessoalmente confiaram em meu trabalho sendo sempre muito simpáticos e atenciosos.

Ao grande orientador Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata, que me aceitou como orientando, tendo muita paciência comigo, restando minha ansiedade principalmente quando meu objeto de estudo não estava ainda bem delineado.

Às professoras Dra. Andréa Lisly Gonçalves e Dra. Virgínia Albuquerque de Castro Buarque que tão gentilmente aceitaram o convite para a leitura crítica desse trabalho e que muito têm a acrescentar para seu aprofundamento.

Às minhas casas República Calangos e Divina Comédia, que me proporcionaram um aprendizado tão valioso quanto o adquirido na Universidade, através das quais tive a honra e o prazer de poder conhecer e conviver com pessoas que, sem sombra de dúvidas, fizeram todo o diferencial nessa minha agradável estada na cidade de Mariana. São eles: Rodriguinho, Lú, Formiga, Kelli, Andréia, Francis, Tio Pim e Lúcia. Aos Calangos, Mussarela, Caion, Minduim, Pablo, Fabrício, Fernando, Rei, Piu, Chico, Marco “Truta”, Tadeu “Canela”, Nicolau, Rodrigo e Ga’s.

Aos amigos da graduação Márcia, Diego, Pablo, Isabel, David, Maikon, Lídia, Tati, às queridas e inseparáveis Bia e Gabi.

Pelos memoráveis momentos, aos amigos das repúblicas 11 de setembro, Cangaço, Ploc, Luluzinhas, Vúlvaros, Orfanato e Intocáveis.

Em especial à família Dias de Castro, ao Barba, tia Beth e Patrícia que sempre me acolheram como um filho em Barbacena, pois sem os quais com toda certeza esse estudo não teria sido realizado.

Por último, porém mais importante, o meu porto seguro, Pauline, pessoa sem a qual, com toda certeza, esse estudo não se concretizaria, que esteve sempre ao meu lado durante a graduação, segurando minha mão nos momentos difíceis e celebrando comigo todas as nossas conquistas.

Para Ines Piacesi

## RESUMO

Este trabalho tem como objetivo a realização de uma biografia de Ines Piacesi sob a perspectiva da biografia histórica. O relato de sua vida não se dará de maneira a lhe conferir estabilidade o que, portanto, nos leva a não ignorar as situações de instabilidade, de incertezas das quais foi dotada a existência de nossa personagem.

Destarte, através do conceito de ambivalência será abordada a trajetória de Ines Piacesi, italiana radicada em Barbacena-MG, que teve intensa atividade, sobretudo no setor educacional e na imprensa, durante as décadas de 1920 e 1950, configurando-se, nesse período, como uma importante figura feminina na sociedade da referida cidade.

## ABSTRACT

This work has as objective the accomplishment of Ines Piacesi's biography under the perspective of the historical biography. The report of her life won't be developed in way of granting stability to it what, therefore, lead us not to ignore the situations of instability and uncertainties of which our character's existence was endowed.

Thus, through the ambivalence concept it will be approached Ines Piacesi's path, an Italian woman rooted in Barbacena-MG, who had an intense activity, above all in the educational section and in the press, during the decades 1920's and 1950's, being configured, in that period, as an important feminine figure in the society of the referred city.

## SUMÁRIO

Introdução.....	10
Cap. I. O gênero biográfico em discussão	
I.1. O ressurgimento do gênero biográfico na História.....	15
I.2. Biografia: definição, origens e problemas.....	19
I.3. Notas.....	29
Cap. II. Fragmentos de uma trajetória	
II.1. Aceitando os limites.....	30
II.2. Algumas considerações sobre o tempo e os limites de sua biografia.....	32
II.3. O início: De Orlando Piergentile à Ines Piacesi.....	35
II.4. Ines Piacesi: fragmentos de uma trajetória.....	39
II.5. Notas.....	51
Cap. III. Ines Piacesi e posturas ambivalentes	
III.1. Contexto Internacional e Nacional.....	52
III.2. Reflexões sobre a questão feminina.....	57
III.3. A noção de Ambivalência.....	63
III.4. Do privado ao público: Inês Piacesi e as situações de ambivalência.....	67
III.5. Notas.....	97
Conclusão.....	99
Notas.....	105
Relação das entrevistas.....	106
Documento DOPS/MG no Arquivo Público Mineiro.....	106
Jornais Utilizados.....	106
Arquivos Pesquisados.....	107
Bibliografia .....	108

Monografia de Bacharelado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto, sendo avaliadores os seguintes professores:

Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata  
Orientador

Prof. Dra. Andréa Lisly Gonçalves

Prof. Dra. Virgínia Albuquerque Castro Buarque



Universidade Federal de Ouro Preto  
 Instituto de Ciências Humanas e Sociais  
 Departamento de História

### Parecer

A Comissão Avaliadora, composta pelos professores Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata, Prof. Dra. Andréa Lisly Gonçalves e Prof. Dra. Virgínia Albuquerque de Castro Buarque, da Monografia de Bacharelado de Éverton Fernando Pimenta, intitulada, “INES PIACESI, 1895-1981: UM ENSAIO BIOGRÁFICO” reunida no dia \_\_\_\_/\_\_\_\_/2007, às \_\_\_\_ horas, no ICHS, resolveu conferir ao trabalho a nota \_\_\_\_ (\_\_\_\_), à luz do seguinte parecer.

“

---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---



---

”

---



---



---



---

## **Introdução**

A presente introdução será realizada com a utilização da primeira pessoa do singular uma vez que tenho como objetivo central, nesse momento, explicar como se deu a trajetória desse trabalho.

É necessário colocar que essa monografia é fruto de uma pesquisa levada a cabo sem quaisquer financiamentos, fato que impôs certa limitação ao trabalho. Dessa maneira, apesar de um satisfatório trabalho de campo, incluindo visitas a vários arquivos na cidade de Belo Horizonte e Barbacena, – devidamente listados na parte final desse trabalho – enfatizo que esse poderia ter sido um pouco mais consistente, uma vez que, devido ao motivo acima levantado, fui impossibilitado de ampliar o número de entrevistas com familiares e pessoas que conviveram com Ines Piacesi, bem como de ampliar o período pesquisado nos jornais da cidade de Barbacena.

Um outro agravante foi o fato de que tive acesso às edições do jornal *O Rubicon*, do qual Ines Piacesi foi proprietária, já na fase final do trabalho, o que impediu a realização de uma análise mais aprofundada, que com certeza se dará na continuidade desse estudo.

Destarte, apesar dessas limitações, creio que o resultado final se mostre satisfatório frente ao que se espera de um trabalho monográfico. Dito isso, é necessário que eu explique como se deu a trajetória desse estudo.

Uma vez aluno do curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto, que tem como tradição excelentes pesquisas principalmente sobre Minas setecentista, ainda que não se limitem apenas a esse tema, me vi numa situação um tanto quanto

desconfortável, uma vez que, embora sejam da maior relevância, tal assunto nunca me despertaram fascínio.

Assim, quando na ocasião de meu terceiro semestre de graduação, tive como proposta de trabalho final o desenvolvimento de um pré-projeto de pesquisa, o que me colocou numa situação um tanto quanto complicada.

Optei por propor um estudo acerca de uma possível ligação entre a figura do arcebispo da Arquidiocese de Mariana no período de 1922 a 1960, Dom Helvécio Gomes de Oliveira e o campo político. No entanto, ao dirigir-me ao acervo da Cúria, em Mariana, a fim de consultar a documentação que aborda a conjuntura na qual o mesmo ficou à frente da arquidiocese, descobri que ela se encontrava inacessível.

Tentei de várias maneiras obter acesso à documentação, porém, definitivamente, ela encontrava-se fechada à pesquisa, devido a justificativas nada convincentes por parte da administração do acervo, que mantém uma política pouco democrática de acesso à documentação, selecionando quem pode ou não ter direito a pesquisar determinados assuntos.

Acreditando ainda que tal estudo poderia ser profícuo, tentei por outros caminhos desenvolvê-lo. Para tanto, desloquei-me até Belo Horizonte a fim de pesquisar no acervo da hemeroteca do estado, jornais da cidade de Mariana que abordassem o período no qual Dom Helvécio Gomes de Oliveira permaneceu como arcebispo. Entretanto, pelo fato de não ter encontrado nenhum material significativo em relação aos meus intentos, acabei desistindo de vez de tal estudo.

Porém, na ocasião em que estive pesquisando na hemeroteca, após constatar que não havia nenhum material que me fosse útil, solicitei os jornais da cidade de Barbacena

que constavam no catálogo, por ter curiosidade sobre a longa disputa política travada entre as famílias dos Fortes e dos Andrada.

Foi nessa circunstância que, pela primeira vez, tive conhecimento da existência de Ines Piacesi. Seu nome foi citado numa matéria sobre uma suposta animosidade entre as cidades de São João Del Rei e Barbacena, devido a um artigo por ela escrito.

Esta matéria ficou marcada em minha cabeça, e, por força de uma conversa corriqueira com um amigo de graduação, natural de Barbacena, relatei tal situação. Nessa circunstância, o mesmo disse que o nome de Ines não lhe era estranho e que, salvo engano, existiria uma praça e uma escola com seu nome na cidade.

Após a confirmação de que realmente existiam uma praça e uma escola que levavam o nome de Ines, resolvi ir até a cidade de Barbacena nas férias da faculdade a fim de saber um pouco mais sobre essa personagem que tanto me despertou a curiosidade.

Em minha passagem por Barbacena, em visita à biblioteca municipal, pesquisei sobre a história da cidade e acabei descobrindo que Ines Piacesi era natural da Itália e que a mesma havia sido professora, dona de um cinema, jornalista e dona de um jornal.

Aqui é muito importante se fazer uma digressão a fim de explicar algumas coisas em relação às suas atividades no meio jornalístico. Ines Piacesi, apesar de não ter possuído a formação acadêmica de jornalista, tal como ocorre nos dias atuais, será caracterizada nesse estudo, em detrimento de toda sua produção, tanto como jornalista, quanto como colunista.

O termo colunista será utilizado para remeter-se às atividades realizadas por ela nos jornais *Cidade de Barbacena*, *O Sericicultor* e *Apollo Jornal*, para os quais escreveu, ao passo que a denominação de jornalista será destinada à sua atuação à frente

do *Rubicon*, abrangendo tanto as atividades como proprietária e redatora quanto a atividade enquanto colunista em seu jornal.

Voltando à trajetória da pesquisa, após visitar a biblioteca municipal e ter descoberto alguns dados biográficos sobre ela, fui visitar a escola que levava seu nome. Na escola, tive conhecimento de que parte da família de Ines Piacesi ainda morava na cidade, e, dessa maneira, através de um contato com a família, realizado por uma funcionária da escola, tive a possibilidade de realizar uma entrevista com a filha mais velha de Ines, Elge Piacesi Calvi.

Nessa ocasião, tive acesso ao livro produzido pelos filhos em homenagem a Ines, que reúne parte de seus artigos, bem como a uma pasta de matérias por ela recortadas, os primeiros escritos por Ines ou sobre ela. Ainda devido a essa minha estadia em Barbacena, tive também a oportunidade de ter contato com a coleção do jornal *Cidade de Barbacena*, no qual encontrei muitos artigos escritos por Ines.

A partir desse momento, em acordo com o orientador desse trabalho, Prof. Dr. Sérgio Ricardo da Mata, optei por escrever uma biografia sobre Ines Piacesi.

Tive, sem sombra de dúvidas, a sorte de ter “esbarrado” em Ines Piacesi, quando “perdia” Dom Helvécio Gomes de Oliveira. Tive mais sorte ainda em poder contar com todo o apoio possível destinado à pesquisa por parte dos familiares de Ines Piacesi, o que foi de suma importância para o desenvolvimento desse estudo.

Assim, a partir do exposto, passo agora a tratar do conteúdo da monografia. Ela divide-se em três capítulos, a saber: O primeiro capítulo intitula-se *O gênero biográfico em discussão*, o segundo, *Fragments de uma trajetória* e o terceiro, *Ines Piacesi e posturas ambivalentes*.

No primeiro capítulo apresentarei uma parte das discussões acerca do gênero biográfico no âmbito da história, a definição do que se entende por biografia e qual o tipo desta que aqui se desenvolve, bem como seu temporário desaparecimento e seu ressurgimento no campo da historiografia.

No segundo capítulo, apresentarei os limites e as potencialidades dos quais são dotados uma biografia, a temporalidade adotada, e, por fim, a trajetória de Ines Piacesi, tendo como ponto de partida a trajetória de seu pai Orlando Piergentile.

Por fim, no terceiro capítulo, apresentarei o contexto nacional e internacional na conjuntura das décadas de 1920 e 1950, a condição feminina em meio à sociedade do período, o conceito de ambivalência e as ambivalências vividas por Ines Piacesi.

Por último, mas não menos importante, enfatizo que esse estudo foi guiado por valores éticos, buscando ao máximo respeitar a memória de Ines Piacesi, assim como a história de sua família.

## **Capítulo I - O gênero biográfico em discussão**

### **I.1. O ressurgimento do gênero biográfico na História**

O reaparecimento das biografias, que tem alcançado ultimamente grande sucesso tanto entre o público acadêmico quanto entre o público em geral, pode ser visto como um fenômeno mundial com ocorrência em diversas áreas do conhecimento. No Brasil, no âmbito das ciências humanas, especificamente na História, sua ascensão ainda é um acontecimento relativamente recente, apesar de a mesma estar presente em diferentes correntes historiográficas.<sup>1</sup>

Concomitantemente ao campo da História, percebe-se também o sucesso do gênero biográfico em outras áreas do conhecimento, dentre as quais pode-se destacar o jornalismo e a literatura. De certo modo, entende-se que esta última influencia as biografias das demais, por lhes proporcionar a utilização do recurso da ficção, bem como a adoção de estilos e técnicas narrativas.<sup>2</sup>

Jacques Le Goff, autor da biografia de São Luís, rei da França, afirma que, diferentemente do que se imagina, escrever biografias não é uma tarefa simples. Para o autor, esse tipo de empresa apresenta as mesmas dificuldades que as outras formas de se fazer história por exigir que se trabalhe com a estrutura da narrativa, tida até pouco tempo atrás como coisa de amadores.

Segundo Lúcia Maria Paschoal Guimarães, por um considerável período de tempo, aproximadamente desde o fim da Segunda Guerra Mundial, a biografia foi defenestrada das produções historiográficas, ainda que não totalmente abandonada<sup>3</sup>. Para a autora, tal gênero foi alvo de controvérsias mesmo no interior de correntes

historiográficas que se mostravam renovadoras, como, por exemplo, a Escola dos Annales. Embora no seio dessa tradição historiográfica não se tenha deixado de produzir biografias, percebeu-se a ocorrência de certa repulsa pelo gênero. Tal repulsa teria empurrado o gênero para longe de seus domínios e, segundo Guimarães, é possivelmente explicada pelo surgimento da noção de mentalidade que reduziu a especificidade do indivíduo na História.<sup>4</sup>

Por outro lado, sob forte influência dos novos herdeiros da Escola dos Annales, percebeu-se, recentemente, e com relativo sucesso, a reabilitação da biografia como gênero histórico.

Os exemplos mais expressivos de que a historiografia francesa reabilitara o gênero não tardariam a aparecer. Esquecidos das censuras e das interdições do passado recente os herdeiros do movimento de *Annales* passaram a publicar muitas biografias, na maior parte das vezes precedidos por longas justificativas, diga-se de passagem, nem sempre convincentes.<sup>5</sup>

Pelo fato de não ter ocorrido um abandono completo do sujeito na história, entende-se, segundo Eric Hobsbawm, em relação ao possível eclipse do gênero biográfico no seio dessa área de conhecimento, que o recente sucesso por ele alcançado não se deva a sua retomada ou a sua reabilitação.<sup>6</sup>

Em suas palavras:

Embora houvesse alguns reducionistas econômicos extremados, e outros que descartavam pessoas e eventos como ondas desprezíveis na *lougue dureé* da *structure* e *conjuncture*, tal extremismo não era universalmente difundido, seja nos Annales ou entre os marxistas que – principalmente na Grã Bretanha – nunca perderam o interesse nos eventos ou nas culturas, nem consideravam “superestrutura” com sempre e inteiramente dependente da “base”.<sup>7</sup>



Benito Bisso Schmidt, acerca do atual sucesso alcançado pelas biografias, afirma que uma possível explicação para o mesmo relaciona-se ao fato de que, nas sociedades contemporâneas, há em curso uma perda de referenciais ideológicos e morais, o que impulsionaria a busca por modelos no passado, a fim de orientar as condutas do presente. Para ele, um outro provável motivo para seu sucesso no âmbito da História remete-se à crise do paradigma estruturalista, que teve grande influência, sobretudo desde os anos de 1960, e que, diferentemente das biografias, enfocava, grosso modo, as grandes estruturas desvencilhando-se da apreensão e da análise dos sujeitos.<sup>8</sup>

Por fim, Schmidt propõe uma outra possível chave explicativa para o atual sucesso das biografias. A existência de um suposto “voyerismo” não explícito, por parte de alguns autores, sobretudo no que tange à esfera privada da vida de “grandes personagens”, teria grande apelo entre os leitores por saciar sua vontade de penetrar na intimidade do passado.

Tais razões são importantes na medida em que nos fornecem indícios de algumas de suas características e tipologias, pois existe uma grande variedade de modelos para construção de textos biográficos que atendem a objetivos específicos. Embora essas não esgotem as possibilidades explicativas para o ressurgimento do gênero biográfico, suscitam ainda algumas discussões sobre os possíveis motivos para o suposto eclipse desse gênero, bem como para seu ressurgimento em alguns períodos no campo da historiografia.

Ao se analisar as explicações referentes à perda de referenciais morais e ideológicos, é possível presumir que, em momentos de crise de paradigmas, tal qual o vivido atualmente, a biografia pode ressurgir como uma forma de resgatar um passado

exemplar. Esse teria como função básica orientar as ações no presente sempre de acordo com a ideologia do grupo que a produziu, sendo, portanto, digno de ser seguido.

Em relação ao hipotético “voyerismo” como uma das causas de seu sucesso, ele pode nos ajudar a perceber uma das questões a ser desenvolvida nesse trabalho, qual sejam, as diferenças existentes entre biografias de historiadores e romancistas, tanto em relação à sua construção textual, quanto em relação à forma de se utilizar as fontes.

A esse respeito, importantes se tornam as palavras de Virgínia Woolf em seu texto *A arte da biografia*, no qual a autora faz uma boa explanação acerca dos rumos tomados pelo gênero biográfico nos últimos séculos.

No ensaio, Virgínia Woolf explora a figura de Lytton Strachey, que, ao escrever três importantes biografias voltadas para as vidas das rainhas Victoria e Elisabeth, mostrou o que o gênero poderia ser, bem como alguns de seus limites. A autora enfatiza que os limites existentes entre a biografia voltada para o romance e poesia, e a que utiliza como matéria-prima fatos reais, próxima, portanto, da produzida por historiadores, são tênues, relacionando-se ao uso ou não do recurso da ficção.

A utilização ou não desse recurso implica em uma escolha a ser tomada pelo autor, que se remete diretamente tanto ao gênero biográfico em questão, ou seja, se ele será romanesco, poético, ou histórico, quanto às formas de se utilizar as fontes. Portanto, ao optar por um caminho, o biógrafo deve esquecer do outro, uma vez que eles não são passíveis de combinar-se.

Parece, então que quando o biógrafo acusa ter sido amarrado por amigos, cartas e documentos, ele estava pondo seu dedo sobre uma limitação necessária. Pois o personagem inventado viveu em um mundo livre onde os fatos são verificados por apenas uma pessoa – o próprio artista. Sua autenticidade reside na

verdade de sua própria visão. O mundo criado por esta visão é mais raro, mais intenso e mais completo do que o mundo que é amplamente feito de informação autêntica provido por outras pessoas. E por causa dessa diferença os dois tipos de fatos não se misturam; se eles tocam-se, eles se destroem. Nenhum dos dois, parece ser a conclusão, pode ser o melhor, você deve escolher e deve sustentar sua escolha.<sup>9</sup>

Por ora, serão analisadas algumas obras de autores que se debruçam sobre a discussão do gênero biográfico, que, como foi dito anteriormente, tem sua ascensão como um fenômeno mundial recente. No Brasil, tal fato é ainda mais recente, uma vez que as publicações sobre o tema em nosso mercado editorial até pouco tempo atrás eram diminutas. Assim, entende-se que esse pequeno número de publicações ajudava a tornar tímida a discussão sobre o gênero biográfico.

## **I. 2. Biografia: definição, origens e problemas**

Peter Burke, ao se deparar com a questão do termo biografia, afirma que seu surgimento na Inglaterra, França e Alemanha seja posterior ao século XVII, porém sua origem remeteria-se à Grécia antiga, onde o termo *biographia*, surgido do vocábulo *bioi*, significava “escrever vidas” e que, segundo Plutarco, abordariam tanto a esfera pública quanto a privada através de pequenas pistas.<sup>10</sup>

No entanto, segundo Arnaldo Momigliano, seu surgimento está diretamente ligado à Pérsia. Ao afirmar que o primeiro relato autobiográfico se mostrou presente nas inscrições Behistun ou Bisutun, – nas quais o rei persa Dario fez um relato sobre si mesmo numa rocha a 300 pés, com intuito de auto-glorificação, provavelmente se dirigindo aos deuses – o autor coloca a tradição grega desse tipo construção como tributária da historiografia persa.

Para ele, a historiografia persa exerceu influência sobre os gregos, sobretudo no que toca à questão das autobiografias e ao uso dos documentos. Mesmo que a historiografia grega tenha rompido com o tipo de história proposto pelos persas, que se voltava à atuação de grandes personagens, e, passado a se orientar pela ótica de grupos que se pautavam por uma sociedade que se orientava pelo caráter local, e não internacional, não se pode, contudo, descartar a existência dessa influência.

Em suas palavras:

Scylax escreveu uma biografia de Heráclides, o tirano de Milasa. Tanto o escritor quanto o seu objeto viveram na esfera persa. Em Heródoto as melhores histórias pessoais (por exemplo, a biografia de Democedes) provêm do Leste. A Grécia metropolitana forneceu a Heródoto muito pouco material biográfico. Até mesmo Tucídides dá atenção aos detalhes biográficos apenas quando seus heróis – Pausânias e Temístocles – estão nas fronteiras do Império persa. Suspeitamos que os gregos da Ásia Menor estivessem mais interessados em detalhes biográficos do que os gregos, por exemplo, de Esparta ou de Atenas.<sup>11</sup>

Hoje em dia, se perguntarmos a uma pessoa qualquer que não tenha uma prévia opinião formada sobre o significado do termo biografia, possivelmente teremos como resposta algo próximo à definição do *Dicionário Aurélio* que afirma ser a biografia: “*História de vida de uma pessoa.*”<sup>12</sup> Apesar de a mesma não ser uma noção incorreta, ela é incapaz de explicar tudo o que seja minimamente necessário para se compreender em que consiste o gênero biográfico.

A esse respeito, Pierre Bourdieu, em seu texto “*A ilusão biográfica*”, afirma que essa noção, oriunda do senso comum, adentrou o universo científico e, em suas palavras, representaria “*inseparavelmente o conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.*”<sup>13</sup>

Tal concepção tem como característica básica a idéia de que a história de vida ocorreria em sentido linear, na qual o indivíduo nasce, cresce, se desenvolve e morre, de forma que todo o turbilhão de acontecimentos ocorridos durante uma existência fluíssem numa rede de eventos organizados em torno do próprio fim da história. A biografia, nesse sentido, passaria então a assumir um tom de história fechada, estável e organizada em razão de seu final, para o qual tem-se a impressão de o indivíduo estar predestinado.

Dessa forma, Pierre Bourdieu associa essa estrutura de relato a um romance, que ordena as ações subjetivas e objetivas de maneira cronológica, no qual o sentido do enredo se dirige para o seu final, sendo esse um fim em si mesmo, ou seja, capaz de conferir coerência e dar um desfecho à história. Essa concepção de escrita biográfica é definida por ele como *ilusão biográfica*, que, em outras palavras, significa a tentativa de se entender e narrar a vida de uma pessoa de forma coerente num dado período.

Embora essa fórmula coerente de relato da biografia tenha possibilitado que a estrutura narrativa de se escrever história voltasse à baila no campo da historiografia, de maneira semelhante à estrutura oriunda da tradição literária, mantém, no entanto, para com esta, algumas diferenças básicas, tais como: a proibição da utilização do recurso à ficção por questões metodológicas e a

busca de trazer à tona toda a complexidade tanto do sujeito quanto de seu contexto, assim como suas contradições.

Entende-se que esses elementos sejam importantes para aproximar o relato de uma vida de toda sua riqueza de experiências e conflitos. Acredita-se, entretanto, na

necessidade de isso ser feito dentro dos limites impostos pela História, sem que exista o desespero ou a ânsia de esgotar uma dada vida no mesmo.

Jacques Le Goff afirma que a biografia “*não é só a coleção de tudo o que se pode e de tudo o que se deve saber sobre uma personagem.*”<sup>14</sup> Nesse sentido, entende-se que as biografias realizadas por historiadores, assim como as realizadas por romancistas, visam reconstruir efeitos de realidade, e, por esse motivo, mesmo que as finalidades de ambos sejam diferentes, possuem, de certa forma, métodos parecidos.

As diferenças básicas entre as obras destes dois campos se dão na realização de uma profunda crítica das fontes por parte dos historiadores e na não preocupação desses em se mostrar todos os detalhes possíveis de seus personagens. Esses, por sua vez, a fim de tentar criar efeitos de realidade em suas obras biográficas, necessitam da realização de tal crítica profunda por imposição de certos limites existentes em seu campo de atuação, ao passo que isso não é uma necessidade presente nos limites de atuação impostos aos romancistas para a confecção de obras de cunho biográfico.

Na História, essa crítica documental é uma das premissas básicas para realização de qualquer trabalho. Especificamente quando se trata do gênero biográfico, compreende-se que, caso ela seja bem feita, é possível tanto evitar a criação de personagens imaginários, quanto criar uma razoável convicção de verdade histórica, refutando assim a idéia de estabilidade em uma realidade que é fragmentada e permeada por contradições.

Giovanni Levi, acerca do caráter fragmentado da realidade, alerta para certa visão existente entre os historiadores:

De modo geral, os historiadores consideram pacífico que todo sistema normativo sofre transformações ao longo do tempo, mas que num dado momento ele se torna totalmente coerente, transparente e estável.<sup>15</sup>

Nesse ponto, talvez resida o grande erro e a grande utopia dos historiadores que trabalham com biografias, qual seja, acreditar que num dado momento as coisas adquiram uma estabilidade tal, que possibilite relatar toda uma vida. Tal postura, à luz da leitura dos textos de Pierre Bourdieu e Giovanni Levi, acima citados, é o que se configura como *ilusão biográfica*..

Giovanni Levi, ao analisar a realidade, afirma que essa não possui estabilidade. O autor dá uma ênfase maior à existência de uma tentativa de cerceamento imposta aos sujeitos, ou melhor, às falhas nos dispositivos que tentam impor limites aos mesmos. Para ele, a liberdade de atuação do sujeito num dado meio é possível devido a uma desigual correlação de forças presentes nos sistemas normativos, que, por serem instáveis e dotados de contradições internas, acabam por gerar desequilíbrio dando margem à atuação dos mesmos.

Embora não refute essa visão, Pierre Bourdieu enfatiza ser necessário, para uma boa compreensão da realidade, a reconstituição de seu contexto. Nesse sentido, propõe ser necessário, para se fazer um relato de uma história de vida, levar-se em conta os elementos sociais de determinação que agem sobre o sujeito. Para tanto, evidencia as instituições sociais geradas devido a uma demanda do meio, que tendem a criar a idéia de uma unidade social mínima capaz de designar o sujeito nos diversos campos sociais nos quais atua.

Para ele, a mais evidente dessas instituições é o nome próprio, pois o mesmo, apesar de não ser capaz de informar suas propriedades, cria uma “(...) *identidade social constante e durável, que garante a identidade do indivíduo biológico em todos os*

*campos possíveis onde ele intervém como agente, isto é, em todas as suas histórias de vida possíveis.*<sup>16</sup>

Tais idéias de Bourdieu apontam para um entendimento de que o indivíduo não é um ser passível de ser descrito de forma coerente por apresentar múltiplas possibilidades de atuação em diferentes campos que são mutáveis. Elas apontam ainda para a impossibilidade de se narrar toda uma história de vida.

Desta forma, Pierre Bourdieu atesta que a única constância da vida é o nome próprio, por isso, a mesma não pode ser vista como sucessão de acontecimentos coerentes vinculados unicamente ao sujeito. Destarte, a fim de que se entenda a ação de um sujeito no meio, torna-se necessário analisá-lo, bem como sua superfície social, ou seja, a identidade mínima construída socialmente para representar as múltiplas possibilidades de sua ação nos variados campos.

Considera-se importante na análise de Pierre Bourdieu a ênfase dada à necessidade de um mínimo conhecimento sobre o contexto para se poder entender como se dá o deslocamento do sujeito nos diversos campos sociais. Para facilitar tal empreitada, o autor aceita a construção de uma identidade social constante e durável, que garanta certa unicidade do indivíduo biológico em todos os campos nos quais age, mas que, no entanto, não descreva suas propriedades, ou seja, que é incapaz de dar informações sobre a união de fragmentos que nomeia.

Tais questões se mostram presentes em boa parte dos textos que se debruçam sobre o objeto biografia. Via de regra, eles apontam para uma impossibilidade de se reconstruir todas as relações e as experiências presentes no decorrer de uma existência, pois, a realidade possui, tal qual a personalidade, um caráter multifacetado, e, portanto, não uniforme. Assim, tanto indivíduo quanto contexto não poderiam ser analisados de



forma estática uma vez que se encontram em constante processo de mutação, o que faz com que não apresentem, portanto, coerência interna.

Nesse sentido, importante se tornam as seguintes questões: quais os limites impostos à construção de uma biografia? Qual a importância de uma biografia?

Resgatando alguns pontos já abordados, para Giovanni Levi, uma das maiores dificuldades de se escrever uma biografia é a utilização de um modelo anacrônico e limitado, que a associa a uma cronologia ordenada, a uma personalidade coerente e estável, que realiza ações sem inércia e toma decisões sem incertezas. Isso soa como se o destino do personagem já estivesse pré-definido desde seu nascimento, como se existisse uma predestinação.

Ainda a esse respeito, Le Goff afirma que a História Biográfica é um risco presente na narrativa biográfica, que às vezes cria a ilusão de reconstituir um destino. Para ele, o personagem biográfico não cumpre um destino, ele altera seu contexto e é alterado por ele. O personagem “(...) *Constrói a si próprio e constrói sua época, tanto quanto é construído por ela. E essa construção é feita de acasos hesitações e escolhas.*”<sup>17</sup>

De posse de todas as dificuldades e limites impostos à construção de uma biografia, até aqui abordados, pode-se ressaltar sua importância devido ao fato de que a mesma ainda não nos seja totalmente conhecida. Não se sabe até onde a biografia pode avançar, nem quão fortes são as amarras que lhes são impostas.

Sem dúvida, a biografia se configura como um importante mecanismo capaz de nos oferecer uma visão alternativa a certas imagens construídas e cristalizadas como fiel espelho da realidade atendendo a grupos específicos. Ela pode -e deve ter- como último objetivo trazer à tona toda uma multidão de pessoas excluídas da história tida como

oficial, que enfatiza somente seus vencedores, desde que a mesma seja feita dentro de limites éticos e humanamente compromissados.

Nessa perspectiva é que se pretende trabalhar a figura de Ines Piacesi, sem a pretensão de dissecar sua personalidade de forma objetiva como prega esse método tradicional de construção de biografias. Portanto, não se tem a utopia de reconstruir todos os aspectos de sua vida.

A construção de sua biografia não pretende abordar todo o período de sua vida, nem tampouco só sua atuação enquanto professora, jornalista, dona de um jornal, dona de um Cine-Teatro, e sua suposta atuação política. O que pretende-se é abordar a mulher Ines Piacesi. Nesse sentido, o contexto no qual ela viveu tem grande importância, pois nos ajuda a realçar a figura dessa personagem de significativa importância na sociedade da cidade de Barbacena de seu tempo.

No entanto, Ines não servirá de arquétipo para se entender nem a sociedade na qual ela viveu, tampouco as ações das mulheres, na mesma.

Destarte, como a tentativa de compreensão integral do indivíduo é uma busca utópica<sup>18</sup>, não é possível reconstruir toda a realidade na qual Ines viveu. Dessa forma, acredita-se que a figura de Ines Piacesi possa servir como uma maneira de cristalizar em sua volta o conjunto dos domínios que historiador traça no campo do saber histórico. Assim, ela será enxergada como um “sujeito globalizante” que reúne em seu entorno uma fração do meio, porém nunca o todo.

Em outras palavras, em parte, a figura de Ines pode ajudar a explicar o contexto, mas não será capaz de esgotá-lo, bem como, num sentido diametralmente oposto, o contexto não será capaz de explicar as ações de Ines.

Nesse ponto reside uma das mais importantes questões metodológicas dos estudos biográficos, e uma das mais importantes desse trabalho, qual seja, a forma como será analisado o personagem, ou melhor, a escala de análise proposta para sua compreensão.

Acredita-se que a relação entre o contexto e o sujeito pode ajudar a enxergar melhor as mudanças sociais que nascem justamente da interação entre esses dois pólos em permanente processo de mutação.

Segundo Giovanni Levi:

Há uma relação permanente e recíproca entre biografia e contexto: a mudança é precisamente a soma infinita dessas inter-relações. A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais inevitáveis entre as

normas, incoerências que autorizam a multiplicação e a diversificação das práticas.<sup>19</sup>

Sob essa ótica é que se sugere o estudo da vida de Ines Piacesi, propondo descrever sua trajetória sem reduzi-la aos determinismos, sem que o destino da mesma esteja condicionado ao contexto, às estruturas de coerção social que ele lhe impôs, nem tampouco que ele seja pautado pela noção de destino ou de predestinação que confira à sua trajetória o caráter de história fechada, coerente e estável.

As biografias, portanto, podem nos ajudar a entender melhor tanto a liberdade quanto a coerção exercida sobre as pessoas pertencentes a um grupo, e é essa a perspectiva que pretende-se empregar no estudo da trajetória de Ines Piacesi. O problema em sua realização é que, com a equivocada adoção de escalas, podemos dar mais ênfase do que é necessário ao grupo ou ao indivíduo.

A proposição do estudo da trajetória de Ines Piacesi, portanto, se dá numa ótica diferente da dos trabalhos biográficos pautados por uma forma tipificada como tradicionais, já aqui discutidos à exaustão. Entende-se que o retorno da biografia com sucesso para o campo da História é muito importante no início desse século, e, de acordo com Lúcia Maria Paschoal Guimarães, ele representa a devolução da face humana à História por sua renovada atenção para com os indivíduos.

(...). A biografia assume assim uma função a meio caminho entre o particular e o coletivo, configurando-se como um exercício adequado para identificar uma figura num determinado meio, analisar as relações entre a intenção pessoal e forças convergentes ou concorrentes, ou ainda dar um balanço entre o herdado e o adquirido.<sup>20</sup>

Por fim, ela ainda destaca que o gênero ressurgiu de um modo bem mais democrático, se atrelando não só aos grandes nomes como também às camadas mais populares. Apesar de Ines ser um grande nome da sociedade da cidade de Barbacena em sua época, visa-se estudá-la para dar voz ao sexo historicamente “marginalizado”, qual seja, o feminino, entendendo seus dilemas e possibilidades de inserção e atuação no meio público, sem, no entanto, deixar de lado questões éticas ao lidar com sua memória, e com a memória de sua família.

Cf: SCHMIDT, Benito Bisso. “Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos.” In: *Revista Estudos Históricos 1997/1 n° 19: Indivíduo, Biografia, História*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista>. Acesso em 26/08/2006. p.2.

<sup>2</sup> Idem. pp. 5.

<sup>3</sup> Cf: GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “Biografia: a reabilitação de um gênero histórico.” (Texto inédito apresentado em aula magna no ICHS-UFOP em 2006). pp. 3-4.

<sup>4</sup> Idem. pp. 4.

<sup>5</sup> Idem. pp. 5.

<sup>6</sup> Cf: HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp.

<sup>7</sup> Idem. pp. 204-205.

<sup>8</sup> Cf: SHIMIDT. op. cit. 1997.

<sup>9</sup> No original: It seems, then, that when the biographer complained that he was tied by friends, letters, and documents he was laying his finger upon a necessary limitation. For the invented character lives in a free world where the facts are verified by one person only – the artist himself. Their authenticity lies in the truth of his own vision. The world created by that vision is rarer, intenser, and more wholly of a piece than the world that is largely made of authentic information supplied by other people. And because of his difference the two kinds of fact will not mix; if they touch they destroy each other. No one, the conclusion seems to be, can make the best of both worlds; you must choose, and must abide by your choice. Tradução, Ana Carolina Sobral. In: WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own and other essays*. London: The folio Society, 2000. p. 368.

<sup>10</sup> BURKE, Peter. “A invenção da biografia e o Individualismo Renascentista.” In: *Revista Estudos Históricos 1997/1 n° 19: Indivíduo, Biografia, História*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista>. Acesso em 26/08/2006. p. 7.

<sup>11</sup> MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2004. p. 34.

<sup>12</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Coord. Marina Barid Ferreira, Margarida dos Anjos, equipe Elza Tavares Ferreira...[et al]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 3ª ed. p. 75

<sup>13</sup> BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 7ª ed. pp. 183.

<sup>14</sup> LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999. pp. 22.

<sup>15</sup> LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 7ª ed. pp. 179.

<sup>16</sup> BOURDIEU. op. cit. pp. 186.

<sup>17</sup> LE GOFF. op. cit. pp. 23.

<sup>18</sup> Cf: LE GOFF. op. cit. pp. 21.

<sup>19</sup> LEVI. op. cit. pp. 180.

<sup>20</sup> GUIMARÃES. op. cit. pp. 8.

## Capítulo II - O gênero biográfico em discussão.

### II.1. Aceitando os limites.

Jacques Le Goff afirmou que o gênero biográfico é uma difícil forma de se escrever história.<sup>1</sup> Acredita-se que a força e o peso das palavras do autor, só sejam sentidas pelo biógrafo, quando este inicia a narrativa de uma trajetória, ou seja, quando, no início de seu trabalho, ao se deparar com uma página vazia e as mais díspares informações acerca de seu personagem, ele percebe que são quase incontáveis as possibilidades de se tentar agrupar todo o mosaico de experiências colhidas sobre o mesmo, bem como que a própria montagem desse pode adquirir inúmeros formatos capazes de atender a inúmeros fins.

Essas não são, no entanto, as únicas dificuldades com as quais o biógrafo se depara. Entre os problemas colocados ao se iniciar um relato biográfico, tem-se, por exemplo, o modelo de construção a ser adotado. Outra questão, talvez a mais desconfortante, seja a possível grande dúvida acerca do caráter efêmero ou não de seu personagem, uma vez que, ao se optar por realizar uma biografia, muito provavelmente esteja claro, ao menos na cabeça do biógrafo, que aquela determinada trajetória é merecedora desta empresa por ser ímpar, ou por possuir alguma relevância, seja ela qual for.

Virgínia Woolf alerta para essa fugacidade da qual muitas biografias são dotadas, ao afirmar que

Esta lá, sempre que uma nova biografia é aberta, projetando suas sombras em cada página; parece haver algo de mortal naquela sombra, pois afinal de contas, de uma multidão de vidas que são escritas, poucas sobrevivem!<sup>2</sup>

Segundo a autora, a “alta taxa de mortalidade” presente no gênero biográfico, está, de certo modo, relacionada ao modelo de construção adotado. A esse respeito, como já colocado anteriormente, para a realização de uma biografia existem duas possibilidades: uma pautada pelo recurso da ficção, que Woolf afirma ser por si só mais atraente pelo fato de ser composta de assuntos mais aprazíveis, e outra suportada por fatos que realmente ocorreram.

Para ela, esta diversidade na matéria prima constitutiva dos diferentes tipos de biografia tem duas implicações determinantes: primeiro, ela se coloca como um dos motivos para a alta “taxa de mortalidade” existente no gênero, e segundo, ela, diferentemente do trabalho do artista que se vale da ficção, é impossibilitada de atingir o status de obra de arte.

A esse respeito, nas palavras da autora,

A imaginação do artista em sua maior intensidade excita o que é perecível de fato; ele constrói com o que é durável; mas o biógrafo deve aceitar o que é perecível, construir com ele, embutí-lo na mesma estrutura de seu trabalho. Muito perecerá; pouco viverá. E, assim, chegamos à conclusão de que ele é um artesão. Não um artista; e seu trabalho não é uma obra de arte, mas algo entre um e outro.<sup>3</sup>

Assim, colocada como um gênero capaz de suportar tanto o fantasioso, quanto as limitações, características que ganham realce por serem inerentes a cada um dos modelos construtivos das biografias, - fato que pode ou não lhe atribuir uma maior durabilidade - torna-se necessário, de acordo com o proposto por Virgínia Woolf, definir qual o modelo a ser adotado neste trabalho, bem como arcar com as conseqüências que tal escolha implicará.

Dessa maneira, aceita-se que, ao se tomar um dos dois caminhos renuncia-se toda a gama de possibilidades, que, inicialmente colocadas à folha em branco, tanto amedronta os biógrafos. Assim, a perspectiva adotada a partir de agora, para a realização da biografia de Ines Piacesi, será a perspectiva da biografia histórica.

Para a realização de tal empresa, muito útil será o auxílio da metodologia da história oral, à qual recorre-se como forma de tentar entender e explicar todo o mosaico de experiências vividos por Ines Piacesi, sem, entretanto, analisar as entrevistas realizadas com seus familiares de forma a adotá-las como únicas verdades acerca de seu passado.

Portanto, não será processada nenhuma manipulação dos dados a fim de se construir uma personagem inexistente, com alto teor de fantasia em sua constituição, que, na possibilidade de possuir qualidades que beirem o fantástico, tenha sido capaz de alterar toda uma sociedade. O que se busca é remontar tudo o que seja possível em meio aos escombros do passado, para que a biografia nos sirva como um instrumento, ainda que pequeno, que nos possibilite entender um pouco mais da sociedade brasileira, de seus conflitos e incertezas existentes no período, sobretudo, no que toca à posição e ao papel exercido pelas mulheres na mesma.

## II.2. Algumas considerações sobre o tempo e os limites de sua biografia

Ao abordar a trajetória de São Luís, Jacques Le Goff afirma que, em sua ótica, ela não foi limitada pelo período em que o mesmo viveu, nem tampouco pelo período em que exerceu seu reinado na França. Ela, portanto, não teve início com seu nascimento e término com sua morte. Nas palavras do autor: “(...) *um homem não está verdadeiramente morto a não ser quando o último homem que ele conheceu por sua vez estiver morto (...)*”<sup>4</sup>

Dessa forma, por analogia, não é descabido pensar que a existência de Ines Piacesi não tenha sido encerrada no momento em que ela fechou definitivamente seus



olhos. Tal assertiva não pode ser sustentada caso leve-se em consideração apenas o aspecto meramente biológico, no entanto, torna-se verdadeira se forem levadas em conta as lembranças da mesma, presentes nas memórias das pessoas que com ela conviveram.

Nessa perspectiva, tem-se a convicção de que a biografia de Ines Piacesi, que por ora se apresenta, não é, e nem pretende ser, uma obra definitiva. Ela não é um relato que abarca todos seus dilemas, conquistas e derrotas, agrupando-os de maneira a impossibilitar a realização de um outro estudo sobre tão rica personalidade. Tal fato não é aqui colocado como um problema, pois a existência de toda uma infinidade de experiências, passíveis de serem analisadas e agrupadas de diferentes formas, bem como a existência de possíveis lacunas que se apresentam nos estudos de trajetórias, são aqui vistos de forma positiva, pois permitem a contínua ampliação do número de trabalhos biográficos realizados.

Destarte, entende-se que Ines Piacesi ainda guarda em sua história grande riqueza de experiências que podem vir a ser descobertas, sendo que as mesmas muito poderiam contribuir, entre outras possibilidades, para com os estudos sobre Barbacena, sobre a atuação das mulheres nas esferas pública e privada, sobre o jornalismo feminino, etc.

A forma de se trabalhar com o tempo da vida de Ines Piacesi não se coloca como uma maneira fácil. É necessário, para tentar se aproximar ao máximo da mesma, realizar um relato de sua trajetória, desde a infância, até sua velhice, obedecendo a ordem com que os acontecimentos ocorreram.

Dessa maneira, num primeiro momento, os eventos serão contados de forma linear, sem que isso implique em pregar-se aqui a defesa da linearidade da História. Isso

é adotado como uma maneira de explicar a gênese de sua personalidade, bem como de explorar uma série de elementos que tiveram grande influência sobre a forma como ela se portou durante sua vida. A partir de então, com a narrativa de sua trajetória é que serão aprofundadas uma série de questões que trarão à tona toda a riqueza e singularidade presentes em sua vida.

Para tanto, nesse segundo momento, a organização temporal não se dará de forma linear, uma vez que, a fim de se mostrar toda a riqueza de experiências vividas por Ines nos diversos campos nos quais ela atuou, quais sejam, jornalismo, magistério, bem como em sua circulação entre a esfera pública e privada, será adotada a concepção de uma temporalidade múltipla. Sempre que for necessário, se recorrerá ao passado como estratégia para explicar algumas de suas atitudes e posições tomadas.

Nesse momento não se terá a preocupação em narrar os eventos atrelados a um marco temporal exato, mas sim explicar os mesmos de forma a aproximar quem os lê da vida de Ines e, na medida do possível, justificar o porquê de certas escolhas e os motivos para as mesmas terem sido feitas.

A lógica organizativa adotada aqui é a mesma proposta por Jacques Le Goff em seu estudo sobre São Luís, ou seja, escapar da ilusão biográfica, assunto já exposto anteriormente, e trazer à tona toda a matéria-prima que realmente interessa à biografia histórica como, por exemplo, dilemas e renúncias, que possibilitam evidenciar toda a imprevisibilidade presente numa vida.

Por fim, com base em todas essas noções acerca da temporalidade da biografia de Ines Piacesi, bem como das dificuldades enfrentadas para construí-la, torna-se necessário tomarmos um ponto de partida, o que desde já implica em aceitarmos a primeira limitação imposta à reconstituição de sua trajetória. Como muito pouco se sabe

sobre sua mãe Marieta Zucchetti Piergentile, que morreu quando Ines tinha aproximadamente cinco anos, sua vida será contada tendo como início a trajetória de seu pai, Orlando Piergentile.

### **II. 3. O início: De Orlando Piergentile à Ines Piacesi**

Originada do Arraial da Igreja Nova da Borda do Campo,<sup>5</sup> Barbacena foi elevada à condição de cidade em 1840. Seu distrito sede recebeu a denominação de Nossa Senhora da Piedade de Barbacena até 1923, ano no qual, com a promulgação da lei 843, datada de 7 de setembro, passou a receber a denominação de Barbacena, atribuída, segundo Plínio Alvarenga, em homenagem ao Visconde de Barbacena, governador da Capitania.<sup>6</sup>

A data precisa da chegada de Orlando Piergentile ao Brasil ainda é desconhecida. De toda forma, o que se sabe é que Orlando Piergentile nasceu na Itália e veio para o Brasil em fins do século XIX. Presume-se que a opção por se estabelecer em Barbacena tenha se dado pelo fato de lá já existir, no período, uma colônia de imigrantes italianos. Entretanto, apesar do motivo de tal escolha ser uma questão de grande relevância para esse estudo, o mesmo continua em aberto, sem uma explicação definitiva.

Segundo sua neta, Maria Ines Leda Piacesi, Orlando fez duas viagens ao Brasil. Na primeira delas veio sozinho, tendo posteriormente retornado à sua terra natal para buscar a esposa e a filha Ines.

É uma coisa que a gente nunca se preocupou de guardar direito. Eu sei que o vovô Orlando esteve aqui no Brasil um tempão, fez até essa sociedade com o papai e tudo mais. Ele fez duas viagens. É isso mesmo. Eu acho que a primeira viagem que ele fez foi antes. Depois ele foi lá buscar a mulher dele e a filha que

era a Ines, né? E eu sei que ele acabou vindo sozinho com ela e com meu pai garotinho (...)<sup>7</sup>

Orlando Piergentile, devido a seu espírito desenvolto, teve importante atuação na cidade, nas primeiras décadas do século XX. Muitas inovações e melhorias realizadas em Barbacena são atribuídas a ele, que passou para a posteridade sob o rótulo de detentor de uma personalidade marcada pelo empreendedorismo. Sua personalidade foi assim definida nas palavras de Nestor da Massena:

Sei, no entanto, que foi ele, esse Orlando Piergentile, com seu espírito arrojado em mil iniciativas, com o seu dinamismo entranhado e entranhante, a sua febril e sublime operosidade, o seu tumultuante e audacioso espírito construtor, a quem Barbacena deveu seu primeiro cinema – o Cinema Moderno, de que era o empresário, o gerente, o diretor, o propagandista, o caixa, o vendedor de entradas, o animador de modo a assegurar-lhe a vida, êxito, prosperidade. Sei ainda, que ele introduziu em Barbacena os aparelhos mecânicos de fabricação de pão, quando o rotineiro processo de manipulação da massa, primitivo e anti-higiênico, era o que aí se praticava e se conhecia. Sei também, que foi Orlando Piergentile quem deu a conhecer a Barbacena o primeiro automóvel, que aí trafegou, quando só existiam aí os carros de tração animal, puxados por magros pangarés.<sup>8</sup>

De acordo com a descrição acima, pode-se presumir que, assim como muitos outros italianos, que se valeram da lei de imigração, Orlando Piergentile aproveitou as oportunidades que se colocavam a seus conterrâneos na sociedade brasileira da virada do século XIX para XX, tendo possivelmente prosperado em detrimento das qualidades que possuía.

Nesse sentido, a visão da neta Maria Ines Leda Piacesi vai ao encontro da imagem traçada por Massena

Bom o vovô era um dos maiores naquela época, ele foi um homem assim, de muita idéia, criatividade, ele via um negócio e falava assim: Olha aqui dá pra fazer

isso, vamos fazer? Ele teve hipódromo(...). Estava precisando de alguma coisa pra atrair gente então ele fez lá. Porque se sabiam que alguém queria fazer alguma coisa diferente tinha que falar era com o vovô.<sup>9</sup>

Na ótica de Nestor da Massena, sua grande iniciativa foi o aplainamento do morro de Santa Tereza, para a construção da primeira praça de esportes da cidade. O nome do local foi dado por Orlando Piergentile, em homenagem a sua segunda esposa, a barbacenense Tereza Araújo, com quem veio a se casar e constituir família, após a morte de Maria Zucchetti Piergentile, mãe de Ines Piacesi.

A praça de esportes, que atraía grande número de pessoas, contava com um ringue de patinação, um espaço para corrida de bicicletas e conforme foi antes mencionado, um hipódromo. Por conta de tal iniciativa, outras importantes realizações foram levadas a cabo por Piergentile, como por exemplo, a construção de um sistema de abastecimento de água, de um sistema de canalização fluvial e de um chafariz público que prestou inúmeros benefícios, sendo até então inexistentes nesse local. Além disso, também influenciou na abertura de alamedas que possibilitaram o acesso de veículos automotivos.

Orlando Piergentile constituiu nova família com Tereza Araújo, com quem teve seis filhos, dos quais os cinco mais velhos nasceram no Brasil e o caçula na Itália. Eles moraram numa casa construída próxima à praça de esportes que contava em suas acomodações com um salão de diversões e um bar para entretenimento das famílias que freqüentavam o local.

O Orlando Piergentile, que conheci, não foi, porém apenas o intrépido e vigoroso realizador de cometimentos da natureza dos já assinalados. Foi na verdade, o bravo propugnador pelo progresso de Barbacena, pelo desenvolvimento dessa cidade, pelo seu embelezamento, pelo aprimoramento das suas condições urbanísticas(...) Ele era verdadeiramente barbacenense nas suas iniciativas, nas suas sugestões, nos seus planos, nas suas realizações. Dele foi a sugestão da

abertura da Avenida Bias Fortes, sugestão que tomou iniciativa, iniciativa que tomou a si realizar, o que conseguiu, dirigindo-se a todos os proprietários dos quais dependia a permissão para que essa via pública atravessasse os terrenos que lhes pertenciam. E Orlando Piergentile dedicou-se a essa tarefa com toda a solicitude, com a maior abnegação, com o mais forte entusiasmo, não descansando senão quando alcançou a meta colimada, colhido o louro da vitória final.<sup>10</sup>

Através de iniciativas individuais, como por exemplo, a acima relacionada, é que pode-se entender um pouco os motivos pelos quais Piergentile tenha prosperado, bem como o prestígio e a importância alcançados pelo mesmo na cidade.

Orlando Piergentile viveu em Barbacena até 1920, ano no qual voltou para a Itália levando consigo sua família. De acordo com Massena, o motivo de seu retorno está relacionado a um desgosto sentido por Orlando, em relação a um plano elaborado pelo mesmo, no qual propunha a implantação de bondes elétricos em Barbacena, idéia essa originada em uma viagem que o mesmo fizera com sua segunda esposa à Itália.<sup>11</sup>

A esse respeito, uma outra explicação proposta para o retorno de Orlando à Itália foi um desentendimento com seu sobrinho e já então genro, Aroldo Piacesi. Esse, mesmo sem recursos suficientes, teria na época feito um acordo com Orlando e comprado sua parte nos negócios que com ele mantinha em sociedade.

Segundo sua neta Elge Ausonia Piacesi Calvi, foi a realização desse negócio que lhe possibilitou juntar um bom dinheiro para o retorno à sua terra natal junto com sua família.

Em suas palavras,

(...) eu sei que meu pai começou a trabalhar com meu avô e meu avô não deixou mais o meu pai voltar pra Itália. Ficou com ele por aqui, e aí eles trabalhavam juntos, mas o meu avô, você sabe como é gente velha! Eles começaram a não combinar muito. Aí ele falou: Então eu vou embora e você fica

com as coisas aqui. E vendeu tudo pro meu pai. Meu pai não tinha dinheiro, mas eu não sei o que ele conseguiu, ele arranjou os negócios e ficou lutando sozinho.<sup>12</sup>

Orlando Piergentile voltou para a Itália, com a família, nunca mais tendo retornado ao Brasil e vindo a falecer em 01/11/1941. Entretanto, deixou em Barbacena sua primeira filha Ines, tida como seu principal legado deixado ao Brasil, e que será a protagonista desse trabalho.

#### **II.4. Ines Piacesi: fragmentos de uma trajetória**

Ines Piergentile nasceu em 03/10/1895, na pequena cidade de Fabro, localizada próxima a Roma, entretanto, sempre comemorou seus aniversários no dia seis de março.

Sua trajetória foi marcada pela precoce perda de sua mãe Maria Zucchetti Piergentile em seus primeiros anos de vida. Assim, nos primeiros anos do século XX, seu pai Orlando Piergentile a trouxe, junto com seu primo Aroldo Piacesi nascido em 19/02/1881, para a cidade de Barbacena, local onde posteriormente ela viveu quase toda sua vida.

Já em solo barbacenense Ines ficou órfã de mãe sendo colocada por seu pai no colégio interno Imaculada Conceição onde estudou desde sua infância até sua adolescência, sob os cuidados da madre francesa, Irmã Paula Bouisseau, que teve muita influência em sua formação.

Sobre sua passagem pelo colégio, Nestor da Massena afirma que a mesma acabou *“(...) se destacando sempre pela sua vivacidade e pelo seu espírito, no qual afirmava, desde então o sentimento de brasilidade que tanto a caracterizou.”*<sup>13</sup>

Maria Ines Leda Piacesi denominou o segundo grau, que sua mãe Ines concluiu no colégio Imaculada Conceição, de *“Curso Completo”*. Essa designação foi proposta pelo

fato de sua mãe ter aprendido, além de todas as disciplinas regulares, noções de costura, cozinha, puericultura, ou seja, teria aprendido a ser dona de casa, mãe, a cuidar do marido e do lar.

Nesse sentido, em suas palavras, “(...) *lá elas saíam com curso pronto pra ir casar, e é o que precisava, mulher precisava saber cuidar de uma família não é?*”<sup>14</sup>

Tal formato de currículo escolar era oferecido no Brasil nas diferentes escolas desde as primeiras décadas do século XIX, e, segundo Guacira Lopes Louro, possuía algumas diferenças entre o conteúdo que era ministrado aos meninos e o ministrado às meninas.

Em suas palavras:

Aqui e ali, no entanto, havia escolas – certamente em maior número para meninos, mas também para meninas; escolas fundadas por congregações e ordens religiosas femininas ou masculinas; escolas mantidas por leigos – professores para as classes de meninos e professoras para as de meninas. Deveriam ser, eles e elas, pessoas de moral inatacável; suas casas e ambientes decentes e saudáveis, uma vez que as famílias lhes confiavam seus filhos e filhas. As tarefas desses mestres e mestras não eram, contudo, exatamente as mesmas. Ler escrever e contar, saber as quatro operações, mais a doutrina cristã, nisso consistiam os primeiros ensinamentos para ambos os sexos; mas logo algumas distinções apareciam: para os meninos, noções de geometria; para as meninas, bordado e costura.<sup>15</sup>

Enfatiza-se que, apesar de as palavras acima se referirem à situação na qual se encontrava o setor educacional, sobretudo no século XIX, considera-se que a adoção dessa caracterização para o período no qual Ines permaneceu no colégio Imaculada Conceição, não implique em incorrer num anacronismo. Desta maneira, de acordo com as palavras da autora, percebe-se que, para a sociedade na qual se encontrava Ines, também havia diferentes concepções de educação a serem oferecidas aos meninos e as meninas.



Ainda segundo Guacira Lopes Louro, tal diferenciação existente no currículo escolar da época, se colocava devido a uma preocupação reinante em se formar futuros cidadãos, ao invés de se oferecer uma educação equânime a meninos e meninas. Dessa forma, percebe-se que a concepção de educação oferecida às meninas estava fundamentada por seu suposto “destino” de mãe e dona de casa.

Por mais que a base fosse a mesma, ou seja, o ensino da leitura e da escrita associado às operações matemáticas e aos valores cristãos, – que apesar da divisão ocorrida entre Estado e Igreja, em fins do século XIX, eram muito caros para a época – via de regra, foram oferecidas maiores oportunidades aos meninos com o ensino de geometria do que às meninas às quais eram oferecidas noções de bordado e costura.

Por fim, a esse respeito, é importante ressaltar que as oportunidades facultadas de maneira desigual pela educação aos meninos e meninas também se fazia sentir em relação às meninas de melhor condição social e às meninas oriundas de camadas populares.

Assim, nas palavras de Guacira Lopes Louro:

Para as filhas de grupos sociais privilegiados, o ensino da leitura, da escrita e das noções básicas da matemática era geralmente complementado pelo aprendizado do piano e do francês que, na maior parte dos casos, era ministrado em suas próprias casas por professoras particulares, ou em escolas religiosas. As habilidades com a agulha, os bordados, as rendas, as habilidades culinárias, bem como as habilidades de *mando* das criadas e serviçais, também faziam parte da educação das moças acrescida de elementos que pudessem torná-las não apenas uma companhia mais agradável ao marido, mas também uma mulher capaz de bem representá-lo socialmente. O domínio da casa era claramente o seu destino e para esse domínio as moças deveriam estar plenamente preparadas. Sua circulação pelos espaços públicos só deveria se fazer em situações especiais, notadamente ligadas às atividades da Igreja que, com suas missas, novenas e procissões, representava uma das poucas formas de lazer para essas jovens.<sup>16</sup>

Dessa maneira, entende-se que, tanto pela condição social na qual se encontrava Orlando Piergentile, quanto pela situação em que o mesmo se viu colocado quando veio a se tornar viúvo, ele foi levado a colocar a filha numa instituição de ensino que

pudesse, ainda que de forma possivelmente insatisfatória, suprir toda a falta que a figura materna lhe tenha feito, além, é claro, de prepará-la para a vida alinhada ao papel que era preconizado à mulher naquele período.

A esse respeito é importante se colocar que Orlando Piergentile é aqui classificado como uma pessoa que fazia parte da elite econômica da cidade. Para explicar o que se entende por elite, aqui será utilizada a definição proposta por André Burguière na qual o mesmo propõe que, hoje em dia, tal conceito é mais amplo do que a idéia de que a elite estivesse ligada à nobreza de sangue ou à grandes proprietários de terras.<sup>17</sup>

Em suas palavras

A elite, tal como é hoje em dia definida nas sociedades ocidentais, formou-se pela ampliação progressiva de um núcleo original: à nobreza fundada na hereditariedade substituiu-se, primeiro, a elite dos “proprietários”; depois, a democracia estendeu seu recrutamento à cultura e às competências. É um esquema sumário – pois a nobreza não exclui o mérito e a democracia não confere a mesma estima a todas as formas de saber – mas que corresponde a uma evolução global.<sup>18</sup>

-

A opção pelo colégio Imaculada Conceição era, portanto, compatível com o padrão social do qual Orlando era dotado, – uma vez que, apesar de ser um forasteiro na cidade, devido ao seu trabalho, ele ascendeu socialmente, sendo o primeiro homem a ter automóvel na cidade, o que nas décadas iniciais do século XX era muito expressivo – bem como era tido como um local digno para uma menina ser educada na ausência de sua mãe, uma vez que seu pai era visto como detentor de uma personalidade assaz boêmia.

Tais colocações corroboram com a proposição de Guacira Lopes Louro que, acerca dessas instituições religiosas de ensino, afirma que muitas ordens religiosas

femininas dedicavam-se à educação de meninas órfãs como forma “(...) *de preservá-las da “contaminação dos vícios.”*”<sup>19</sup>

Portanto, ao retornarmos para a trajetória de Ines, presume-se, segundo sua filha Maria Ines Leda Piacesi, que, nos anos em que a mesma passou no colégio, construiu uma sólida amizade com Irmã Paula Boisseau, o que ajudou Ines a interiorizar parte dos princípios transmitidos pela madre, bem como os ensinamentos presentes no currículo escolar, elementos esses presentes no

modelo de criação que lhe foi oferecido, e cobrados pela moral presente na sociedade da época.

Ainda sob essa mesma ótica é que se interpreta a tentativa de seu pai Orlando em lhe arrumar um casamento após sua saída do colégio Imaculada Conceição. Acredita-se que tal iniciativa possa ter se dado, caso sejam levados em conta os costumes da época, pelo fato de a mesma já ter concluído seu segundo grau, encontrando-se, portanto, “pronta para casar”.

No entanto, esse enlace não veio a acontecer, devido à oposição manifestada por seu primo Aroldo Piacesi. A esse respeito, muito elucidativas são as palavras de Maria Ines Leda Piacesi:

Ele acabou casando com a mamãe pra livrá-la, porque o pai dela queria casá-la com um açougueiro rústico que não sabe nada, só porque parece que ele era um homem de ganhar dinheiro, (...) ele achou que valia a pena deixar a mamãe já presa num casamento porque depois que ela saiu do colégio ele não ia ficar com ela e nem a mamãe podia ficar com o vovô (...). Então o papai disse: Você não vai fazer isso né? Aconselhando.

Ah você não tem nada com isso, o que você quer fazer? Vai fazer o quê, você vai ficar com ela?

Ele não podia ficar com ela também, a não ser por algum laço, ele era primo, nem tio ele não era, então ele falou assim: Não deixa eu vou casar com ela. E casou com minha mãe.<sup>20</sup>

Acredita-se ainda que o casamento com Aroldo Piacesi tenha alterado de maneira decisiva o futuro de Ines. Primeiramente porque o enlace significou uma ruptura brusca em sua vida, pois a mesma, ainda muito jovem, com dezessete anos, no ano de 1912, passou a assumir toda a responsabilidade de um casamento, bem como posteriormente a da maternidade. Depois, porque o casamento com o primo mostrou-se muito importante para o desenvolvimento das várias atividades que marcariam sua personalidade e que lhe conferiria significativo destaque.

Tal hipótese é formulada pela própria personalidade de Aroldo, que apesar de ser natural da mesma localidade de seu tio, Orlando Piergentile, possuía para com este algumas diferenças.

Nesse sentido,

(...) um fenômeno interessante do italiano é que ele mexe muito com construção, eles naturalmente são bons para construção, são bons para fazer casa, para ver o que é que pode fazer, o que é que não pode. Em caso de construção para abrigos né? Para abrigo, para casa, para edifício, em tudo eles são bons, e esse meu avô não fugiu a regra. Ele era ótimo para isso, e meu pai era mais para literatura, ele era muito filosófico, gostava muito de política.<sup>21</sup>

Devido ainda a essas diferenças citadas acima entre Orlando e Aroldo, é possível presumir que tenha ocorrido o suposto desentendimento responsável pelo retorno do último à sua terra natal.

Após o casamento, Aroldo e Ines fizeram uma longa lua de mel pela Europa, passando por diversos países como Itália e França. Segundo a filha Elge Ausonia Piacesi Calvi, devido ao temperamento de Ines, a mesma nunca mais voltou à Itália, pois ficara com “raiva” dos italianos quando lá esteve durante sua lua de mel.

(...) depois nunca mais voltou e não quis voltar, eu que tive que ir no lugar dela com o meu pai, porque ela ficou com raiva, porque quando ela foi lá ela era menina, quando ela casou, e era menina boba né? E o pessoal da Itália é todo assim cheio de coisa, e ela sofreu muito lá com o pessoal porque ela brincava feito criança, e o pessoal da Itália é rígido né? Não tem nada disso.<sup>22</sup>

Nota-se aqui que, apesar de ter passado por dificuldades financeiras após o retorno de Orlando Piergentile à Itália, uma vez que seu sobrinho Aroldo teve que comprar a parte que lhe cabia na sociedade que ambos possuíam, pode-se presumir que o casal Aroldo e Ines Piacesi fazia parte da elite econômica da cidade de Barbacena, de acordo com a definição proposta por André Burguière.<sup>23</sup> Pode-se sustentar tal assertiva uma vez que eles passaram uma longa lua-de-mel na Europa, o que denota uma significativa posição social para o período.

Ainda acerca da lua de mel, segundo Nestor Massena, o casal Piacesi visitou Roma, onde recebeu a benção do papa. Tal fato, descrito abaixo, realça o lado religioso de Ines Piacesi, bem como reforça a importância de sua relação com a Irmã Paula Boisseau.

Na capital do Cristianismo, na vetusta Roma, a cidade que foi a grande metrópole da civilização antiga, teve oportunidade de beijar a mão pontifícia de Pio X, que lhe dispensou a benção matrimonial, em recepção de que participou com a Congregação Vicentina, graças a uma recomendação da Irmã Paula.<sup>24</sup>

O casamento de Ines com Aroldo Piacesi, como boa parte dos casamentos daquela época, resultou num grande número de descendentes. No total eles tiveram treze filhos, a saber: Danilo Piacesi, (1913 e falecido ainda bebê) Elge Ausonia Piacesi (07/09/1914), Nilda Chiara Piacesi (29/10/1916), Ítalo Alpino Piacesi (21/10/1917), Milvio Márcio Piacesi (29/03/1920), Aroldo Fulvio Piacesi (15/10/1921), Nello Aimone Piacesi (07/03/1923), Stélio Gaetano Piacesi (26/04/1926), Maria Ines Leda Piacesi

(08/11/1928), Paulo Roger Piacesi (Nascido em 1928, vindo a falecer quando era pequeno), Romano Augustus Piacesi (06/08/1931), e os gêmeos Paolo Orlando Piacesi e Vera Ines Piacesi (16/01/1935).

Ines enviou todos os filhos homens para estudar fora, sempre nos Colégios Salesianos, que muita importância tiveram para a mesma. Segundo sua filha, Maria Ines Leda Piacesi, ela se considerava “filha de Dom Bosco”, fundador dos Salesianos, e os filhos estudavam em suas instituições de ensino, pelo fato de a mesma acreditar que lá eles teriam a melhor educação.<sup>25</sup>

Ainda em relação aos filhos, eles também foram enviados para cursar o ensino superior. Milvio Márcio Piacesi se formou advogado e jornalista, Aroldo Fúlvio Piacesi, dentista, Nello Aimone Piacesi, veterinário, Stélio Gaetano, engenheiro, Paolo Orlando Piacesi, farmacêutico e advogado e Ítalo Alpino Piacesi estudou farmácia, sem, no entanto, a família saber se ele chegou a concluir o curso.

Concomitantemente à saída de seus filhos para estudar em outras cidades, seja para o segundo grau, seja para o terceiro, Inês Piacesi passou a desempenhar a atividade que mais lhe rendeu destaque, o jornalismo. Os artigos por ela escritos, nos diversos jornais nos quais teve coluna ou atuou enquanto colaboradora, surgiram aproximadamente a partir de 1920, quando a mesma passou a escrever para o jornal *O Sericicultor*.

A partir do ano de 1923, começou a escrever para o *Apollo Jornal*, pertencente à empresa *Cine Teatro Apollo*, de propriedade de seu marido Aroldo Piacesi. O jornal, lançado na semana de inauguração do Cine Teatro, teve curta duração, algo em torno de cinco meses. Ele teve seu primeiro exemplar lançado em 12/08/1923 e seu último em 01/01/1924, num total de 15 edições. Dessa maneira, acredita-se que a iniciativa da

família de fundar um cinema e conseqüentemente um jornal para divulgação do mesmo, possa ter sido a mola propulsora para o início da carreira de jornalista exercida por Ines Piacesi.

A curta duração do jornal representou uma pequena pausa nas atividades de jornalista de Ines Piacesi e foi assim explicada nas palavras de Maria Ines Leda Piacesi: “(...) acabou porque provavelmente o Aroldo não tinha tempo de ficar cuidando do jornal, pois tinha que cuidar dos negócios e sustentar a família toda, era muita gente 11 filhos.”<sup>26</sup>

Se por um lado entende-se que Aroldo e Ines Piacesi faziam parte da elite econômica da cidade, por outro também pode-se afirmar que eles, pelo fato de a família possuir um Cine-Teatro e já ter possuído um jornal, também eram membros da elite cultural da cidade.

Nas palavras de John D. Wirth, o fato de possuir um cinema era muito significativo, pois o impacto desse tipo de veículo de comunicação era muito forte. Assim, ao tratar da condição de Minas Gerais no período compreendido entre 1889 e 1937, ele afirmou:

Parece correta também a afirmação de que jornalismo estava tornando-se mais especializado, talvez para poder competir com Rio e São Paulo. Além do mais, a imprensa perdera o monopólio cultural com o impacto de novos e poderosos meios de comunicação: os filmes de cinema, importados.

Se os jornais representavam um salva vidas cultural para os leitores, o cinema abriu novas perspectivas de estilo e fantasia para as massas. Tremendamente populares, os filmes ganharam aceitação imediata de um público ávido e mais amplo.<sup>27</sup>

Desse modo, segundo John D. Wirth, ao possuir um Cine Teatro, o casal Piacesi foi detentor dos dois mais importantes meios de comunicação, o jornal e o cinema, os

quais, sem sombra de dúvida, lhes conferiam a condição de pertencentes à elite cultural da cidade.

Voltando às atividades de Ines no meio jornalístico, ela retomou as atividades de jornalista e, no ano de 1927, passou a escrever sob o pseudônimo de Dona Paula, para o jornal *Cidade de Barbacena*. Nesse jornal, a mesma manteve uma coluna dedicada à pedagogia intitulada *Em torno da criança*. Assim, do jornal *O Sericicultor*, passou a escrever para o *Jornal de Barbacena*, que, segundo Altair José Savassi, foi uma continuação do jornal anterior com circulação no período de 03/01/1924 a 31/005/1936.<sup>28</sup>

A partir da década de 1930, Ines passou a escrever para diversos jornais, tanto de Barbacena, quanto de outras localidades, como por exemplo, *Diário do Comércio* (São João del Rei), no qual escrevia a coluna *Uma vez por semana – Prosa feminina*, *Jornal Cidade de Barbacena*, *Diário Mercantil* (Juiz de Fora).

Por se mostrar muito ativa e por escrever para diversos jornais, como os acima citados, sua atuação enquanto jornalista, professora e proprietária do *Cine Teatro Apollo* teve repercussão em muitos outros jornais, como por exemplo, *Gazeta de Carangola* (Carangola), *Diário Mercantil*, *Jornal do Comércio* e *O Lince* (Juiz de Fora), *Correio de Minas*, *Diário da Tarde* e *Estado de Minas* (Belo Horizonte), *O Nacionalista* (Barbacena), *Correio Carmelitano* (Monte Carmelo), *O Povo* e *Jornal do Brasil* (Rio de Janeiro), *O Triângulo* (Araguari), *A Tribuna* (São João Del Rei).

No que toca à sua atuação enquanto jornalista, o maior destaque se deu devido ao jornal do qual a mesma foi proprietária, intitulado *O Rubicon*, com fundação em 15/06/1935 e editado pela última vez no início da década de 1950.



Na data de 27 de junho de 1954, Aroldo Piacesi veio a falecer em Juiz de Fora, vítima de uma uremia. Sua morte foi lembrada pelo deputado estadual Amadeu Andrada, que tinha ligação com a família de Ines, pelo fato de a mesma ser amiga de Vera Tamm de Andrada, esposa de seu primo o ex-deputado federal José Bonifácio Lafayette de Andrada, popularmente chamado de Zezinho Bonifácio.

Nas palavras de Amadeu Andrada, Aroldo Piacesi foi assim lembrado na comunicação de seu falecimento enviada ao presidente da Câmara dos deputados do Estado de Minas Gerais, na data de 02 de julho de 1954:

(...) figura das mais destacadas e queridas da sociedade barbacenense e cujo passamento teve a maior repercussão na minha cidade natal. Era o extinto um exemplar chefe de família, cidadão de acendradas virtudes cívicas e morais, tendo sido um exemplo de operosidade, como pioneiro da cinematografia qualidade que ele fez sua pelo coração. Por isso mesmo sua morte abre uma lacuna profunda no seio da sociedade em que viveu e, sobretudo, nos corações de quantos tiveram a oportunidade de privar de seu convívio e amizade. Lega o extinto a seus numerosos filhos, um exemplo digno de ser imitado pela dignidade e honradez que pautaram sempre todos os seus atos. (...) <sup>29</sup>

Mesmo com o fechamento de seu querido jornal *O Rubicon* e com a dolorosa perda de seu marido Aroldo Piacesi, Ines Piacesi continuou sua atividade de jornalista de maneira intensa, escrevendo regularmente durante boa parte da década de 1950 e 1960 para o jornal *Cidade de Barbacena*.

Aos 86 anos, em 07/02/1981, veio a falecer na cidade de Barbacena, com falência múltipla nos órgãos, Ines Piacesi. Nas palavras do jornal *Cidade de Barbacena*: “*Sua vida não pode ser escrita no limitado espaço de um jornal, por intensa e extensa que foi*”<sup>30</sup>

Esse foi o breve histórico acerca da vida de Inês Piacesi. A intenção de seu relato atende, conforme foi dito anteriormente, ao primeiro passo proposto para a construção da biografia histórica da mesma, qual seja, explicar parte de sua personalidade e das

atividades por ela exercidas. A partir de agora o estudo se verticalizará em algumas questões a fim explorar toda a riqueza de suas experiências.

Cf: LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999. pp. 20.

<sup>2</sup> No original: There it is, whenever a new biography is opened, casting its shadow on the page; and there would seem to be something deadly in that shadow, for after all, of the multitude of lives that are written, how few survive!. Tradução: Ana Carolina Sobral. In: WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own and other essays*. London: The Folio Society, 2000. pp. 364.

<sup>3</sup> No original: The artist's imagination at its most intense fires out what is perishable in fact; he builds with what is durable, but the biographer must accept the perishable, build with it, embed it in the very fabric of his work. Much will perish; little will live. And thus we come to conclusion, that he is a craftsman, not an artist; and his work is not a work of art, but something betwixt and between. Tradução: Ana Carolina Sobral. op. cit. pp. 370.

<sup>4</sup> LE GOFF. op. cit. pp. 29.

<sup>5</sup> Cf: PEREIRA, Lígia Maria Leite. *José Bonifácio Lafayette de Andrada: uma vida dedicada à política*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1994. pp. 19.

<sup>6</sup> Cf: ALVARENGA, Plínio. *Barbacena Princesa dos Campos, Cidade das Rosas*. Barbacena: Editora Cidade de Barbacena, 1993. pp. 7-8.

<sup>7</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>8</sup> MASSENA, Nestor da. *Barbacena: A terra e o homem*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985. v.. pp. 105.

<sup>9</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>10</sup> MASSENA. op. cit. pp. 107.

<sup>11</sup> Cf: MASSENA. Idem. pp. 107.

<sup>12</sup> Entrevista com Elge Ausonia Piacesi Calvi. Barbacena, 08/06/06.

<sup>13</sup> MASSENA. op. cit. pp. 385.

<sup>14</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>15</sup> LOURO, Guacira Lopes. "Mulheres na sala de aula." In: PRIORE, Mary del. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. pp. 444.

<sup>16</sup> Idem. pp. 446.

<sup>17</sup> Cf: BURGUIÈRE, André. (Org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. pp. 284-285.

<sup>18</sup> Idem. pp. 284.

<sup>19</sup> LOURO. op. cit. pp. 445.

<sup>20</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>21</sup> Idem.

<sup>22</sup> Entrevista com Elge Ausonia Piacesi Calvi. Barbacena, 08/06/06.

<sup>23</sup> Cf: Burguière. op. cit. pp. 284.

<sup>24</sup> MASSENA. op. cit. pp. 386.

<sup>25</sup> Cf: Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>26</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>27</sup> WIRTH, John D. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. pp. 133.

<sup>28</sup> Cf: SAVASSI, Altair José. *Barbacena 200 anos*. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1991. v. 1. pp. 75.

<sup>29</sup> "Aroldo Piacesi". *Jornal Cidade de Barbacena*. 01/07/54. pp.1.

<sup>30</sup> "Adeus Ines Piacesi". *Jornal Cidade de Barbacena*. 07/02/81. pp.1.

## Capítulo III - Ines Piacesi e suas posturas ambivalentes

### III.1. Contexto Internacional e Nacional

Entre as décadas de 1920 a 1950, período no qual temos uma maior incidência nas atividades desempenhadas por Ines Piacesi, tanto no meio jornalístico, quanto no magistério, o Brasil e o mundo vivenciaram uma conjuntura de muitas incertezas.

Para Eric Hobsbawm, o período compreendido entre as duas grandes guerras se configura como uma “*Era da Catástrofe*”<sup>1</sup>. Em sua perspectiva, viveu-se, nessa conjuntura, um declínio do sistema liberal vigente desde o século XIX, tanto no que se refere aos aspectos econômicos, quanto no que se refere aos aspectos políticos.

Em sua ótica, essa “*Era da Catástrofe*”, situação até então sem precedentes, caracterizou-se como uma conjuntura na qual ocorreu uma grave crise econômica associada a uma grande instabilidade política, que proporcionou o fortalecimento de movimentos e de regimes autoritários tanto de direita quanto de esquerda.

Em suas palavras:

(...) uma crise econômica sem precedentes pôs de joelhos até mesmo as economias capitalistas mais fortes e pareceu reverter a criação de uma economia mundial única, feito bastante notável do capitalismo liberal do século XIX. Mesmo os EUA, a salvo da guerra e revolução, pareceriam próximos do colapso. Enquanto a economia balançava, as instituições da democracia liberal praticamente desapareceram entre 1917 e 1942; restou apenas uma borda da Europa e partes da América do Norte e Austrália. Enquanto isso, avançavam o fascismo e seu corolário de movimentos e regimes autoritários. A democracia só se salvou porque, para enfrentá-lo, houve uma aliança temporária e bizarra entre o capitalismo liberal e comunismo: basicamente a vitória sobre a Alemanha de Hitler foi, como só poderia ter sido, uma vitória do exército vermelho. De muitas maneiras, esse período de aliança capitalista-comunista contra o fascismo – sobretudo as décadas de 1930 e 1940 – constitui o ponto crítico da história do século XX e seu momento decisivo.<sup>2</sup>

Como ocorrera em escala mundial, o Brasil, no plano econômico, também enfrentou uma forte crise devido ao colapso da economia cafeeira em fins da década de 1920, agravada ainda mais pela quebra da bolsa de 1929. Se por um lado essa crise representou, como era de se esperar, um forte abalo na economia brasileira, por outro, no quadro posterior a 1930, contribuiu para a ocorrência de uma maior diversificação nas atividades econômicas, que passaram a não mais se pautar quase que exclusivamente pelo café.

Na política, tivemos a ocorrência da Revolução de 1930 que marcou a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, representou a queda das antigas oligarquias e a abertura de espaços para novos agentes políticos, como, por exemplo, as oligarquias dissidentes e as camadas médias urbanas. Tais grupos, que passaram a exercer forte pressão no cenário nacional, pleiteavam uma maior participação no jogo político, sobretudo na conjuntura dos anos iniciais do governo de Getúlio Vargas, que foram marcados tanto pela centralização política, quanto pelo aparente clima de instabilidade.

Sobretudo em seus anos iniciais, essa crise política, associada à crise econômica, favoreceu a manifestação de tal clima de instabilidade no pós 1930, expressou toda a fragilidade do sistema liberal então vigente no Brasil e, assim como ocorrera no exterior, possibilitou em solo nacional o surgimento de movimentos políticos que se colocavam como alternativas ao declínio do liberalismo vigente.

De acordo com o exposto acima, pode-se interpretar o surgimento da Ação Integralista Brasileira (AIB) e da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Fundadas nos anos de 1932 e 1935, tais experiências políticas, embora fossem pautadas por ideologias díspares, fascismo e comunismo respectivamente, na ótica de Rodrigo Patto Sá Motta, convergiam num ponto: na crítica ao liberalismo.<sup>3</sup>

Tais incertezas traçadas nos terrenos político e econômico, por si só, já são elementos que devem ser levados em conta. Entretanto, deve-se realçar que as mesmas foram sentidas de maneiras diferentes por homens e por mulheres, que também tiveram sua importância valorada naquela sociedade de maneiras diferentes, seja em detrimento de seu sexo, ou da posição político-social em que se encontravam.

Destarte, pode-se afirmar que, em meio ao clima de instabilidade do período, no que se refere às atividades do movimento feminista, o mesmo, não sem lutas, viu ser atendida uma de suas principais bandeiras em sua busca pela igualdade entre os sexos, o direito ao voto.

Assim, mesmo entendendo que esse acesso ao voto configurou-se apenas como um dos elementos necessários para que a mulher se elevasse à condição de cidadã, torna-se importante ressaltar que essa conquista situa-se no seio de um processo muito mais amplo de lutas pela igualdade entre os sexos, e também, que o mesmo não obedeceu a uma agenda universal única. Isso pode ser explicado, uma vez que o sufrágio feminino era também visto como a pedra angular para uma série de reformas maiores, que *levariam “à conquista definitiva dos direitos das mulheres.”*<sup>4</sup>

Nesse sentido,

A cronologia da adoção do sufrágio feminino demonstra que essas preocupações certamente estavam presentes na decisão da maioria dos legisladores e certamente concorreram para adiar a adoção do voto feminino em muitos países. Nos Estados Unidos a decisão variou de Estado para Estado, sendo o primeiro a adotar o voto feminino o Estado do Colorado, em 1896, e o último, o de Washington, em 1910. Na Nova Zelândia e na Austrália do Sul, as mulheres já compareciam às urnas em 1893 e 1894, respectivamente, muito antes da Inglaterra, portanto, onde só foi conseguido em 1928. No Brasil, o voto feminino foi consagrado na Constituição de 1934. Um ano depois, era a vez das mulheres indianas terem reconhecido o seu direito de eleger e de serem eleitas para os cargos públicos. Em 1946, certamente em razão da conjuntura imediata do pós-Guerra, o voto feminino foi adotado na Argentina, na Bélgica, na Itália, no México e na Romênia, dois anos apenas depois de ser adotado na França. Ainda que não se possa desconhecer que as mulheres, em boa parte dos casos, participassem de eleições locais, podendo, igualmente, concorrer como candidatas nos distritos, não deixa de chamar a atenção o fato de que o voto feminino só tenha sido adotado de forma irrestrita na Suíça, no ano de 1971.<sup>5</sup>

Mesmo que, com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, por um lado se tenha assistido a alguns avanços significativos na legislação como, por exemplo, o direito ao voto feminino previsto na Constituição de 1934, a CLT, entre outros, por outro, não se pode perder de vista que foi na conjuntura inaugurada pós 1930 que se iniciou um paulatino endurecimento do regime que culminou no primeiro regime ditatorial brasileiro do século XX.

Nesse cenário, percebe-se que, após a Intentona Comunista de novembro de 1935, houve um agravamento nesse processo de enrijecimento do regime.

A despeito do fracasso, a chamada revolta comunista serviu de forte pretexto para o fechamento do regime. A partir de novembro de 1935, o Congresso passou a aprovar uma série de medidas que cerceavam seu próprio poder, enquanto o Executivo ganhava poderes de repressão praticamente ilimitados. Entre as emendas constitucionais aprovadas havia uma que considerava que o país vivia uma situação de “estado de guerra” quando ocorressem manifestações, em qualquer parte do território nacional, que subvertessem as instituições políticas e sociais. Mesmo antes da revolta comunista, em abril de 1935, sob o impacto das várias greves que vinham ocorrendo, o Congresso aprovou a Lei de Segurança Nacional, suprimindo diversas franquias democráticas presentes na Constituição de 1934. A lei previa a censura aos meios de comunicação e prisão de um a dez anos para

aqueles que estimulassem ou promovessem manifestações de indisciplina nas Forças Armadas ou greves nos serviços públicos.<sup>6</sup>

Destarte, a esse respeito, significativas são as palavras de Rodrigo Patto Sá Motta, “*Curiosamente, a revolução feita em nome da liberdade e contra os desmandos autoritários acabou levando ao poder indivíduos que iriam constituir um Estado semifascista a partir de 1937.*”<sup>7</sup>

Sobre a instauração do Estado Novo, o tom do discurso realizado por Vargas, que visava legitimá-lo, pronunciado no programa *A hora do Brasil*, era o de que

(...) a ordem constitucional de 1934, vazada nos moldes claros do liberalismo e do sistema representativo, evidenciara falhas lamentáveis, sob esse e outros aspectos. A constituição estava, evidentemente, antedatada em relação ao espírito do tempo. Destinava-se a uma realidade que deixara de existir.<sup>8</sup>

Assim, segundo Dulce Chaves Pandolfi, reforça-se a idéia de que o Estado Novo era parte de um processo inaugurado em 1930 com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder.

Em suas palavras:

Naquele momento, através de um golpe, tinha início o Estado Novo, um dos períodos mais repressivos e eficientes da história do Brasil. De acordo com o discurso de Vargas e dos homens que ajudaram a construir o novo regime, a Revolução de 1930 e o golpe de 1937 eram fases de um mesmo processo. Ou seja o Estado Novo, segundo essa visão, seria o resultado natural de um movimento que teve o ponto de partida em 1930.<sup>9</sup>

Ao decretar o Estado Novo, Getúlio Vargas dissolveu todos os partidos políticos. Logo, tanto a AIB quanto a ANL já não tinham mais espaço no cenário político que passou a gravitar única e exclusivamente em torno do ditador.



Por fim, a esse respeito,

De qualquer modo, as experiências partidárias em curso nos anos 30 não tiveram oportunidade de se consolidar. Em 1937 Getúlio Vargas deu um golpe de Estado e implantou uma ditadura no país, regime político batizado de “Estado Novo”. Uma das primeiras medidas após o golpe foi a extinção dos partidos políticos, provocando assim o fim da fase de experimentação e debate iniciada com a Revolução de 1930. Aqui cabe uma observação importante. Embora tivesse muitas afinidades com o fascismo europeu (culto pessoal ao líder, atrelamento dos sindicatos ao aparato estatal, por exemplo) o Estado Novo não criou um partido político próprio. Ao contrário dos estados fascistas a nova experiência brasileira prescindiu de uma organização partidária para servir-lhe de sustentação. Neste sentido, o regime criado por Vargas tinha muito de ditadura pessoal, ao estilo latino-americano.<sup>10</sup>

### **III.2. Reflexões sobre a questão feminina**

A realização de um estudo de cunho biográfico, como já foi dito anteriormente, é uma empresa complexa. Acredita-se que essa complexidade aumente quando o mesmo aborda a vida de uma mulher e seu autor ser um homem. Tal afirmativa se dá pelo fato de que, para se analisar uma trajetória feminina numa dada conjuntura, torna-se necessário salientar que a moral reinante não recai de forma equânime sob os homens e mulheres, sendo seu impacto sentido de maneira mais intensa pelas mesmas.

Georg Simmel, ao analisar os princípios masculinos e femininos, afirma que não há uma norma homogênea para se julgar o ser e o fazer de ambos. Para ele, os homens são interpretados à luz de categorias masculinas, ao passo que as mulheres são analisadas a partir de um tido padrão médio, ou de um ideal de essência feminina.<sup>11</sup>

Simmel afirma que, quando as mulheres invadiram os domínios de atividades produtivas, antes vistas como exclusivas aos homens, colocou-se em pauta as questões das diferenças essenciais entre os sexos, bem como a possibilidade de uma atividade cultural decorrer organicamente do ser feminino tal qual decorria do ser masculino.<sup>12</sup>

Nesse sentido, Simmel considera existir uma única cultura, a masculina, de acordo com a qual as posições assumidas pelas mulheres se situariam em dois pólos diametralmente opostos. Ou elas atuariam alinhadas à mesma, situação na qual conservariam todas as características inerentes à sua natureza feminina, ou romperiam com esta dada cultura passando a exercer um “trabalho cultural produtivo”, fato que lhes causaria certa desestruturação em sua própria condição de mulher.

Nas palavras do autor,

(...) como de ordinário se considera a cultura existente, isto é masculina, como a única possível, as mulheres se vêem diante de um dilema: ou abandonar o trabalho cultural produtivo, ou abandonar o que elas são. Se elas renunciam a essa energia, a essa visão do mundo, a essa qualidade de serem especificamente femininas, em benefício do trabalho masculino supracitado, convém admitir sem o menor preconceito reacionário que, por falta de relações intrínsecas com a obra objetiva, os valores, as características e os atrativos pessoais da alma feminina não podem deixar de sofrer. Quando se acreditou que as profissões privariam tão pouco as mulheres de sua feminilidade quanto haviam privado os homens da sua virilidade, esqueceu-se o porquê desse fato: ditas “profissões” eram *a priori* de essência masculina – sem contar que os homens tem uma capacidade maior de diferenciação, porque não misturam tão facilmente quanto as mulheres seu centro psíquico à sua ação exterior, e portanto não deixam esta destruir ou perturbar aquele.<sup>13</sup>

Destarte, para se analisar as posições assumidas pelas mulheres, é necessário entender que se por um lado, via de regra, tendeu-se a adotar categorias masculinas para interpretá-las, por outro, tal fato, se não impossibilita a compreensão das experiências e dos posicionamentos adotados pelas mesmas, ao menos os apresenta de maneira parcial.

No entanto, ainda segundo Simmel, essa condição, que situa as atividades produtoras femininas em opostos binários em relação a essa cultura masculina reinante, não se apresenta de maneira estanque.

Assim, em suas palavras,

Tal alternativa, que parece obrigar as mulheres a escolherem entre a preservação de sua natureza própria e o trabalho cultural produtivo, desaparece

quando se sabe a que ponto a cultura existente não é neutra e o quanto é modelada, com a exceção da economia doméstica, segundo um modo de trabalho unicamente masculino, proporcionando pois todo o espaço desejado, se necessário, a outro modo de trabalho que suporia e exprimiria a natureza feminina.<sup>14</sup>

Assim, a partir do exposto, torna-se necessário enfatizar que, possivelmente a grande dificuldade a ser vencida nesse ponto seja a forma de abordagem com a qual se interpretará as ações de Ines Piacesi. A princípio é necessário entender que, do simples fato de ela ser mulher, decorrem inúmeras conseqüências para a interpretação de sua trajetória. Analisar a condição feminina em seu contexto torna-se, portanto, imprescindível.

Simone de Beauvoir, em seu livro *O segundo sexo*, analisa como a noção de sexo feminino, caracterizado enquanto “*outro*”, surgiu em oposição ao sexo masculino, tido até então como único sexo.

O que interessa ser retomado da obra de Simone de Beauvoir, nesse momento, é sua proposição de que a definição do papel feminino se dá em detrimento das leis da sociedade, e não devido a uma mera conseqüência de sua condição biológica.

Esse posicionamento refuta a posição assumida por Freud, quando este postulou que o destino da mulher advinha de sua anatomia. Ao analisar tal percepção, entende-se que ela se baseia na idéia de que o destino das mulheres estaria intrinsecamente ligado à sua constituição biológica. Assim, nessa perspectiva, as mesmas estariam fadadas a atuar somente em funções que estivessem atreladas à maternidade, tida como função feminina primordial.

Para se entender essa posição de Freud, é necessário apresentar sua origem e situá-la num processo mais amplo, fato que a remeteria a autores de séculos anteriores como Spinoza e Michelet.<sup>15</sup>

Dessa maneira,

Suas manifestações acerca da mulher, de acordo com um de seus mais influentes biógrafos, nada mais seriam do que persistências de concepções prevalecentes no século XIX e “faziam parte de comportamentos culturais mais amplos, compondo seu estilo vitoriano” e tomadas de forma isolada pareciam sintetizar, na passagem do século XIX para o XX, todo um conjunto de concepções que, ao longo de séculos, particularmente no Ocidente, considerou as diferenças sexuais como o fator determinante na constituição da identidade do feminino e do masculino.<sup>16</sup>

Em Spinoza, segundo Andréa Lisly Gonçalves, percebe-se uma acentuação de um suposto caráter irracional da mulher, tendo essa concepção permanecido em alta desde o século XVII até fins do século XVIII.

Nas palavras da autora,

A questão aparece com força em Spinoza, no século XVII, filósofo que insistiu em sublinhar, em sua obra, a irracionalidade da mulher. O tema só irá ganhar certa inflexão ao longo do século XVIII, sobretudo em suas décadas finais, com os filósofos iluministas se esforçando em não abordar abertamente a questão dos sexos. Atitude que se explica pela importância assumida, na Ilustração, pelo conceito de ‘igualdade’ e pelo racionalismo. Tais reticências, porém, não impediram que as mulheres sejam associadas à natureza (e à desrazão) também entre os revolucionários franceses, o que legitima sua não-incorporação ao espaço da vida pública.<sup>17</sup>

No século XIX, em relação a Michelet, a autora afirma que, embora o mesmo tenha reconhecido o papel da mulher no processo histórico, em sua obra, a condição feminina atrelava-se à natureza. Para ele, as mulheres operariam entre dois opostos binários, ou seja, entre o pólo materno e o pólo selvagem, ao passo que o homem era associado à civilização, à cultura. Tal concepção denota uma hierarquia de valores entre os sexos que, sendo oriunda da antigüidade, não fora, portanto, formulada por Michelet.<sup>18</sup>

Assim, infere-se que houve uma tradição anterior a Freud, formada por inúmeros autores que, via de regra, buscavam delinear uma situação de dualidade proposta à condição feminina visando colocá-la de maneira subserviente à masculina.

Simone de Beauvoir, a esse respeito, afirma que a diferenciação biológica não é o suficiente para se definir a existência de uma hierarquia dos sexos, ou ainda para configurar uma condição de subordinação do sexo feminino. Tal diferenciação, para a autora, não explica o motivo pelo qual o sexo feminino tenha sido classificado sob a condição de “*outro*”, em contraposição ao então, supostamente, único sexo existente, o masculino.

Assim, sua tese é a existência de uma relação desigual entre os sexos não mais pautada na diferenciação biológica, mas sim nas leis e nos costumes. Nesse sentido, ela afirma que as leis não são iguais para ambos, e que, mesmo quando o são, ficam impossibilitadas de exprimirem-se concretamente em detrimento dos antigos hábitos.<sup>19</sup>

Nas palavras da autora:

Finalmente, uma sociedade não é uma espécie; nela, a espécie realiza-se como existência; transcende-se para o mundo e para o futuro; seus costumes não se deduzem da biologia; os indivíduos nunca são abandonados à sua natureza; obedecem a essa segunda natureza que é o costume e na qual se refletem os desejos e os temores que traduzem a sua atitude ontológica. Não é enquanto corpo, é enquanto corpos submetidos a talvez leis, que o sujeito toma consciência de si mesmo e se realiza: é em nome de certos valores que ele se valoriza. E, diga-se mais uma vez, não é a fisiologia que pode criar valores. Os dados biológicos revestem os que o existente lhes confere.<sup>20</sup>

Se forem levados em conta os posicionamentos de Simone de Beauvoir e de Georg Simmel, percebe-se que em ambos, de certo modo, há o entendimento de que houve um processo pelo meio do qual se criou uma hierarquia entre os sexos.

Presume-se que tal proposição seja aceitável ao se analisar em Simmel a argumentação de que houve a adoção de categorias masculinas para se traçar o parâmetro cultural ideal a ser seguido pelas mulheres, bem como em Beauvoir, na afirmação de que a biologia foi utilizada na tentativa de se definir um ideal de atuação feminina.

De toda forma, através da análise das obras dos dois autores, conclui-se que a idéia de uma suposta existência de hierarquia entre os sexos e dos seus respectivos papéis se deu devido a uma construção histórico-cultural.

Se nos pautarmos pelo ideal proposto à condição feminina no Brasil, sobretudo nas primeiras décadas do século XX, percebe-se que, em boa medida, ele se manteve alinhado a essa concepção que atrelava o destino das mulheres à esfera privada. Nesse sentido, as mulheres tinham como ideal preconizado, como missão primordial de sua existência, a perpetuação da espécie, a maternidade.

Assim, retomando a assertiva de que a forma de abordagem com a qual se lidará com a figura de Ines Piacesi é a maior dificuldade para a realização desse trabalho, buscar-se-á remontar e entender parte da complexa atuação de Ines Piacesi levando-se em conta sua condição feminina em meio a uma sociedade de caráter extremamente patriarcal.

Acredita-se que essa estrutura patriarcal que lhe impôs uma educação voltada para essa concepção de que a mulher tem como função primordial a maternidade, de que seu lugar ideal seria o recanto do lar, tenha acarretado sérias implicações no decorrer de sua vida.

Essa proposição acerca de Ines Piacesi é colocada, pois, ao se analisar suas atividades, seja na esfera pública ou na esfera privada, seus escritos, bem como o que

foi dito sobre a mesma. Percebe-se que, em certa medida, há um descompasso entre esses valores presentes na sociedade em que ela viveu – profundamente arraigados em sua personalidade – e suas ações.

Se por um lado, através das ações de Ines, não é notado um brusco rompimento com esses valores, por outro, percebe-se uma tentativa, possivelmente até inconsciente, da mesma realocar, ou mesmo de remodelar e readaptar tais concepções, permitindo-lhe uma maior mobilidade por entre espaços até então vedados à atuação das mulheres.

Esse movimento pendular entre o ideal preconizado à condição feminina, intimamente ligado à educação recebida por Ines Piacesi, e suas ações nem sempre alinhadas às mesmas, será abordado nesse trabalho, através da noção de *ambivalência*, eleita como fio condutor para se analisar a trajetória de Ines a partir de então.

### **III.3. A noção de Ambivalência**

Muitas vezes, ao se analisar uma dada ação ou posicionamento, pode-se ouvir as pessoas qualificarem-na da seguinte forma: “*trata-se de uma postura ambígua*” e em alguns casos “*tal atitude foi ambivalente.*” No entanto, apesar das concepções de ambivalência e ambigüidade se mostrarem, de certa maneira similares, elas guardam diferenças significativas entre si, as quais torna-se aqui necessário enfatizar.

Em relação ao termo *ambíguo*, ele é assim expresso em um dicionário: “*Em que pode haver mais de um sentido ou significado; anfibológico; duvidoso; equívoco; incerto.*”<sup>21</sup>. Desta forma, entende-se que, se tal termo for utilizado para qualificar uma dada ação ou posicionamento, os mesmos são remetidos à idéia de que eles apresentariam um duplo sentido.

Já ao se fazer a leitura do verbete “*ambivalente*”, no mesmo dicionário se encontra a seguinte definição: “*Relativo a ambivalência; em que há ambivalência; que tem dois valores; que representa a soma de dois valores diferentes.*”<sup>22</sup>

Tem-se, portanto, que quando se denomina como ambivalente uma dada ação ou posicionamento, entende-se que tal definição, assim como a definição de *ambíguo* acima citada, visa atribuir-lhes a condição de que eles podem ser possuidores de uma dupla interpretação. No entanto, eles podem ser vistos tanto como a presença de uma síntese de valores opostos, quanto como a coexistência de valores, o que não quer dizer a mesma coisa.

A diferença que por hora se tenta demonstrar entre tais termos é que a utilização do termo ambivalência, ou ambivalente, não necessariamente implica em se consentir que exista uma oposição binária, como por exemplo, um pensamento ou ação ter como única possibilidade se orientar ou pelo amor ou pelo ódio. Nesse sentido, quando se emprega essa noção de ambivalência, se parte da idéia de que é possível que uma dada ação ou posicionamento não se dê sob a condição dicotômica que pode ser conferida pelos termos ambíguo ou ambigüidade, mas sim como uma síntese, como uma soma desses valores opostos.

Destarte, é significativa a obra de Luciana Teixeira de Andrade que aborda a relação entre os escritos dos autores Carlos Drummond de Andrade, Cyro dos Anjos e Pedro Nava, oriundos de cidades do interior mineiro, com a moderna capital Belo Horizonte.<sup>23</sup> Ela sugere que, nas representações de tais autores acerca da capital dos anos de 1920 e 1930, existem percepções ambivalentes no que se refere a questões geométricas do espaço urbano e dos valores e formas de interação social difundidos nos centros urbanos.



A concepção de ambivalência por ela proposta advém do campo da sociologia e pode ser enriquecida através da definição proposta pela psicologia. A esse respeito, ao analisar a obra de Robert K. Merton, a autora aborda da seguinte forma a noção de ambivalência:

Merton inicia a definição da ambivalência sociológica diferenciando-a do seu uso mais corrente pela psicologia. Nessa disciplina, a ambivalência é um conceito que expressa reações, sentimentos e desejos opostos coexistindo em um mesmo indivíduo, seja em relação às pessoas, seja em relação aos objetos: amor e ódio, aceitação e rejeição, afirmação e negação. O foco da psicologia dirige-se para o indivíduo e para os mecanismos psíquicos que ele aciona a fim de lidar com esse tipo de experiência conflitiva. A estrutura das relações sociais não é, nessa perspectiva, objeto de investigação, uma vez que considerada como dada. Já a ambivalência sociológica reporta-se à estrutura social e não à personalidade.<sup>24</sup>

A esse respeito, e ainda segundo Luciana Teixeira de Andrade, as abordagens acima propostas, ao invés de opostas, se mostram complementares, uma vez que “*a ambivalência sociológica é uma importante fonte de ambivalência psicológica.*”<sup>25</sup>

Valendo-se desses modelos interpretativos, contrabandeados da sociologia e da psicologia, pode-se definir que existem dois planos para se analisar a noção de ambivalência. Nesse sentido, ela pode operar tanto no indivíduo, tema abordado pela psicologia, quanto na estrutura social, tema abordado pela sociologia, sendo que tais planos não se apresentam de maneira excludente.

Para o desenvolvimento da análise das posições assumidas por Ines Piacesi, à luz da noção de ambivalência, propõe-se aqui, conforme o que foi anteriormente exposto, que a abordagem da personagem se opere com esses dois níveis, de maneira a eles se complementarem. Assim, será considerada tanto sua dimensão psicológica, quanto sua dimensão sociológica.

Assim, se partirá do pressuposto de que seus posicionamentos tenham sido fruto de todo um processo conflituoso existente no interior da própria personagem,

ocasionado pelo embate entre as normas culturais que lhes foram ensinadas, pelas quais ela pautava suas ações e a estrutura social na qual a mesma estava inserida.

Por fim, como já foi dito anteriormente, apesar de não se tentar explicar a trajetória de Inês através da apresentação de meras oposições binárias, de simples dicotomias ou de supostas incoerências existentes em seus posicionamentos, propõe-se que elas sejam fios condutores a partir de agora.

Acredita-se que a existência de certa instabilidade nas posições assumidas por Inês, aqui tratadas como *ambivalência*, seja a chave para tentar oferecer uma biografia que não se configure como uma obra coerente e estável, incapaz, portanto, de apresentar toda uma gama de incertezas, dilemas e conflitos que a mesma tenha vivenciado.

Assim, o estudo dos espaços ocupados por Inês naquela sociedade se coloca como uma possibilidade de se tentar entender o descompasso existente entre o papel preconizado para a atuação das mulheres e as reais posições assumidas por elas, tanto de forma a reforçá-los, quanto de contestá-los.

Buscar-se-á resgatar um pouco dessas posturas ambivalentes, no sentido de apresentar seu posicionamento como reflexo da relação, talvez não muito clara para a mesma, com a modernidade, e os valores morais tradicionais que se apresentavam como limitadores a seu sexo.

Após a apresentação do que se entende por biografia, uma sucinta narrativa da vida de Ines Piacesi, parte do contexto no qual ela se encontrava nas décadas de 1920 a 1950, a moral reinante e a situação na qual se encontrava o movimento pelos direitos da mulher nesse período, bem como a noção de ambivalência a ser adotada para análise das ações e posicionamentos defendidos pela personagem, chega-se ao momento de juntar todos esses elementos e verticalizar nossa abordagem.

Alguns aspectos considerados mais importantes serão privilegiados a partir de então. Torna-se necessário voltar a enfatizar, entretanto, que esse estudo, bem como qualquer outro de cunho historiográfico que se faça acerca de Ines Piacesi, não será capaz de contemplar todas as variáveis que constituíram sua existência, portanto, a abordaremos até o limite que nossas fontes assim nos permitirem.

#### **III.4. Do privado ao público: Ines Piacesi e as situações de ambivalência**

Ines Piacesi, pode sem sombra de dúvidas, ser classificada como uma intelectual. Devido a todas as atividades que ela desempenhou, percebe-se ela se inseriu nos principais redutos da intelectualidade em Barbacena.

Ao lado de seu marido Aroldo Piacesi, ela foi proprietária do *Cine Teatro Apollo*. Exerceu ainda o cargo de professora, e também atuou como colunista nos jornais *O Sericicultor*, *Apollo Jornal*, *Cidade de Barbacena*, da cidade de Barbacena, escrevendo artigos sobre política, educação, sociedade, literatura, entre outros. Além disso, a mesma foi proprietária de um jornal, *O Rubicon*, mantendo ainda ligações com outros jornais da região de Barbacena, de Belo Horizonte e até de outros estados. No fim de sua vida, no ano de 1980, foi também uma das fundadoras da Academia Barbacenense de Letras, na qual ocupou a cadeira de número 22.

Assim, é possível afirmar que Ines possuía grande gosto pela leitura, característica também presente em seu marido, sendo que isso pode ser visto como um elemento responsável pela rica formação cultural de ambos. Essa proposição é reforçada pela colocação de sua filha Maria Ines Leda Piacesi, quando a mesma acerca de seus pais, afirmou que:

Ih o papai comprava tudo o que era revista e jornal da época. Lá em casa nós tínhamos um quartinho que tinha aquela parte assim, que eles fazem né? Aquela parte que a pessoa ficava sentada dentro. Era cheio, até o dia em que nós saímos da casa ainda tinha *Vamos ler*, *FON FON*, é aquelas revistas antigas. Tinha todas, eles colecionavam, papai era muito organizado.<sup>26</sup>

Continuando, ainda sobre esse assunto,

Mas ele tinha livros, ele era do círculo do livro. Ah naquela época a gente tinha o círculo do livro, nós tínhamos mais de, a nossa biblioteca do tempo da mamãe beirava uns 3000 ou 4000 livros. Ela tinha um lugar em que ela trabalhava, ela era jornalista, tinha o escritório dela com a máquina de escrever tinha aqueles armários cheios de livros, cheios de revistas, cheio de coisas. Ela colecionava, depois eles começaram a fazer isso né? Então a gente tinha muito livro. E o papai estudava, o papai não ficava sem leitura, eles realmente eram pessoas que a gente chama de intelectuais né? Gostavam de leitura, viviam muito bem, falavam muito bem.<sup>27</sup>

Nessa perspectiva, entende-se que o acesso a periódicos, a obras literárias, bem como a obras de caráter científico, citadas em alguns escritos de Ines, não lhes era facultado. Muito significativo é o volume do acervo estimado por sua filha, do qual casal dispunha em biblioteca particular.

Dessa forma, tal gosto pela cultura letrada é aqui colocado como uma possibilidade de ter se configurado tanto como um denominador comum, que aproximasse o casal ainda mais, quanto como forma de lhes conferir um caráter diferenciado em relação às pessoas de sua época, situando-os no que se pode chamar de elite cultural.

Na ótica de sua filha, Maria Ines Leda Piacesi, a princípio, as atividades exercidas por sua mãe foram influenciadas pelo marido Aroldo. Porém, enfatiza-se que o despertar de Ines Piacesi para as atividades que ela exerceu com grande destaque

durante sua vida, a escrita para os jornais e o magistério, não se deu imediatamente depois de seu casamento.

Após contrair matrimônio aos 17 anos, em 1912, percebe-se que Ines inicialmente voltou-se para as atividades do lar. Entre 1912 e 1923 ela deu à luz oito crianças. A primeira delas, Danilo Piacesi, nascido em 1913, faleceu ainda muito pequeno.

Nestor Massena afirma que Ines iniciou suas atividades enquanto colunista no jornal barbacenense, *O Sericicultor*, sob os pseudônimos de Seny e Dona Paula<sup>28</sup>. Nestor Massena afirma que Ines iniciou suas atividades enquanto colunista no jornal barbacenense, *O Sericicultor*, sob os pseudônimos de Seny e Dona Paula. Tais pseudônimos podem ser facilmente explicados, sendo importantes, uma vez que permaneceram posteriormente como uma marca constante em seus escritos. O nome Seny é o próprio Ines escrito de maneira inversa, nele troca-se a letra “I” pela letra “Y” no final. Já o nome Dona Paula muito provavelmente Retomando esses primeiros anos após seu casamento, nos quais Ines se voltou para a esfera privada, para o ambiente doméstico, presume-se que tal fato pode ter se dado em detrimento dos costumes tradicionais da época, uma vez que, como já foi dito anteriormente, a educação por ela recebida no Colégio Imaculada Conceição preconizava que esse era o modelo que a mulher deveria seguir.

Sua filha Maria Ines Leda Piacesi corrobora com essa visão ao afirmar, acerca da formação de Ines no Imaculada Conceição, que “(...) realmente o curso de lá era bem completo, lá eles ensinavam a mulher a ser dona de casa, mulher mesmo, (...) como é que toma conta de marido, essas coisas, como é que cuida de filho, puericultura, costura, cozinha, tudo (...)”<sup>29</sup>

Em relação ao papel de esposa, ainda segundo Maria Ines Leda Piacesi, sua mãe o cumpriu bem e viveu em harmonia com o marido. A esse respeito, em suas palavras, seus pais “(...) *viveram muito bem, a mamãe se deu bem. Assim, ela cumpriu tudo o que ela tinha que fazer, porque ela tinha sido educada para ser uma dama, ter uma família. Só que era muita coisa para ela, viu!*”<sup>30</sup>

Nota-se, na fala de Maria Ines leda Piacesi, duas afirmações muito importantes. Em primeiro lugar, a mesma coloca que a idéia de que a responsabilidade do casamento tenha sido muito sentida pela jovem Ines Piacesi, e em segundo, que o casal Piacesi gozou de uma boa vida conjugal.

Sobre esse aspecto, pode-se entender que, além do gosto em comum pela leitura, a princípio tal postura adotada por Ines pode ter representado uma maneira de aproximá-la ainda mais de seu marido.

Porém, nas afirmações de sua filha é possível inferir que Ines se manteve alinhada aos valores tradicionais que lhes foram impostos por força de sua criação e pela moral de sua época. Portanto, sob essa ótica pode-se entender que para sua filha, a vida conjugal de seus pais pode ter sido boa, em decorrência de Ines ter atuado dessa forma.

Uma possível interpretação que aqui se propõe é que, uma vez jovem, tais imposições tenham se mostrado demasiadamente fortes, forçando Ines a agir de maneira alinhada ao papel que se esperava dela. No entanto, apesar disso, nota-se que, nesse período, a mesma já começou a dar indícios de uma certa inadequação a esses padrões morais tradicionais.

Nesse sentido, ao iniciar sua atuação na esfera pública através de uma atividade compatível com o ambiente doméstico, a escrita, ela mostrou saber lidar muito bem com

sua condição feminina tradicional, ao proteger sua identidade com a utilização de pseudônimos.

A esse respeito, pode-se afirmar, à luz das palavras de Michelle Perrot, que Ines já rompia com algumas barreiras impostas às mulheres pela sociedade tradicional de sua época.

Uma mulher, na intimidade de seu quarto, pode escrever um livro ou um artigo de jornal que a introduzirão no espaço público. É por isso que a escritora, suscetível da prática domiciliar (assim como a pintura), é uma das primeiras conquistas femininas, e também um das que provocaram mais forte resistência.<sup>31</sup>

Se aceitarmos a proposição de Nestor da Massena, que sugeriu que Ines começou a escrever para o jornal *O Sericicultor*, e propormos que isto tenha se dado por volta do ano de 1920, três anos antes da fundação do *Apollo Jornal*, de propriedade de seu marido Aroldo Piacesi, percebe-se, através de uma simples operação matemática, que sete anos já haviam se passado desde a data de seu casamento, portanto, ela já não era mais a mesma adolescente de 1912.

O simples fato de escrever para um jornal, por si só, já é muito significativo. Porém, a tática de usar pseudônimos, ainda o é mais. Com essa estratégia, a princípio, ela não atraía para si a atenção da opinião pública, podendo congrega sua vida privada com essa entrada na esfera pública sem sofrer quaisquer danos.

Acerca de sua inserção na esfera pública, ela foi muito significativa, uma vez que, até o surgimento de seus artigos no supracitado jornal, não tínhamos nenhum registro desse tipo de atividade realizado por mulheres na cidade de Barbacena.

Ines Piacesi, dessa maneira, conseguiu romper uma barreira que lhe fora imposta sem que tal fato representasse a princípio qualquer alteração séria em sua rotina. Ela poderia muito bem cuidar de sua casa e a partir desse mesmo local escrever.

É digno de se notar que essa passagem da esfera privada para a esfera pública, através de sua colaboração com os jornais, se deu de uma forma um tanto quanto cautelosa.

Assim, o que se busca afirmar é que, uma vez atingida a maturidade, Ines Piacesi talvez tenha vivido o que se acredita ser sua primeira situação ambivalente, o rompimento com os valores tradicionais através de sua entrada na esfera pública.

Portanto, apesar desse rompimento com a formação que lhe fora imposta não ter ocorrido de maneira brusca, já que com seus artigos ela adentrara a esfera pública, até então vista como exclusiva aos homens, ele é aqui entendido como uma postura ambivalente.

A esse respeito, são significativas as palavras de Robert K. Merton.

Parece improvável que as normas culturais, depois de assimiladas, possam ser totalmente eliminadas. Qualquer resíduo que persista induzirá tensões de personalidade e conflitos com alguma medida de ambivalência.<sup>32</sup>

Retomando, embora tal rompimento num primeiro momento não represente nenhum grande choque com os valores tradicionais da época, uma vez que as atividades de Ines Piacesi como colunista se mantiveram de uma maneira mais ou menos alinhadas à formação por ela assimilada, num segundo cenário, passou a representar algumas alterações na rotina da mesma.

Com a abertura de tal precedente, o que se percebeu é que as atividades enquanto colunista de Ines Piacesi só tiveram seu volume aumentado. Nesse sentido, muito significativo foi o ano de 1923, no qual a família Piacesi inaugurou o *Cine Teatro Apollo*. No Domingo dia 12/08/1923, concomitantemente à inauguração do Cine Teatro, foi lançada a primeira edição do *Apollo Jornal*, órgão que também pertencia à família Piacesi.



Pelo que se infere no jornal, ele tinha como objetivo principal divulgar as atividades do Cine Teatro. No entanto, representou um importante espaço, no qual o casal Piacesi teve oportunidade, através de seus artigos, de apresentar toda uma variedade de opiniões sobre os mais diversos assuntos.

De propriedade de Aroldo Piacesi, o jornal circulou semanalmente no período compreendido entre 12/08/1923 e 01/01/1924, com exceção do mês de dezembro de 1923. Por se tratar apenas de um total de 15 edições, das quais tivemos acesso a 14, foi possível mapear todos os artigos escritos e assinados tanto por Ines, quanto por Aroldo Piacesi.

Ao todo, Ines Piacesi escreveu 12 artigos. Desses, três foram assinados com o pseudônimo de Dona Paula e nove como Seny. Já Aroldo Piacesi, escreveu um número um pouco menor de artigos, nove no total, sendo apenas um deles assinado com seu próprio nome e os oito restantes assinados sob o pseudônimo de Ausônio.

O conteúdo dos artigos de Aroldo, em sua maioria, 7 no total, referiam-se a uma enquete por ele lançada, que visava saber o que os leitores achavam sobre o amor na terceira idade. No entanto, os outros dois chamaram a atenção.

O primeiro deles remetia-se à passagem de um ano da morte de seu irmão Nello Piacesi, e o segundo, que julgamos mais significativo, elogiava o ditador Benito Mussolini e suas ações à frente do governo italiano sendo intitulado “*Patria*”. Sobre o segundo artigo, ele é importante uma vez que indica uma aprovação do mesmo em relação ao fascismo.

Acerca dessa aprovação do fascismo por Aroldo Piacesi, torna-se necessário fazer aqui algumas considerações. Além desse artigo citado, nota-se, em outros

momentos, que tal concordância com o regime italiano realmente se fazia presente nas idéias do proprietário do jornal.

No jornal *O Rubicon*, temos dois artigos assinados por Aroldo Piacesi, intitulados “*Mosaicos*” e “*Croniqueta Internacional*”. Tais artigos, datados de 26/11/1938 e 14/01/39, respectivamente, abordavam uma conferência Pan-Americana realizada na capital peruana, Lima. Eles afirmavam que tal conferência teve como objetivo principal a realização de uma campanha anti-fascista na América, levada a cabo pelos Estados Unidos.

Assim, no primeiro artigo intitulado “*Mosaicos*”, tivemos:

Nada de extraordinário, si já não fosse levado aos quatro ventos o intuito que animará os debates, que será o combate encarniçado à Alemanha, ao Japão e a Itália como inimigos extremos da democracia e segurança dos países americanos, procurando desenvolver o sentimento anti-fascista em todo hemisfério.<sup>33</sup>

Já no segundo artigo, intitulado “*Croniqueta Internacional*”, comemorou-se o insucesso da conferência, bem como a condição favorável da Itália na Europa, a qual, segundo ele, proporcionaria ao país um “acerto de contas” com a França.

Esses indícios de simpatia de Aroldo Piacesi pelo fascismo também foram apontados na entrevista realizada com sua filha Maria Ines Leda Piacesi. Ao afirmar que, assim como sua mãe, seu pai também escreveu para os jornais declarando seu apoio ao fascismo, a mesma fundamentou o motivo pelo qual se dava tal simpatia.

Em suas palavras:

Ele escreveu também muitos artigos, né? Papai escreveu com, escrevia com o nome de, uma hora era Ausônio, outra ora era não sei o quê, mas ele tinha assim muito bom senso, e ele apoiava, ele apoiou muito o fascismo, apoiou nesse ponto: ele achava que estava certo, que a Itália era. Não tinha onde ir, um monte de grupos, de tribos, que uma não conversava com a outra, não fazia nada, cada uma

queria ser isso, não existia uma organização, não existia nada. Foi o Mussolini que pôs colonização naquilo, então papai falava que ele era grato ao Mussolini porque ele uniu a Itália. Uniu a Itália, uniu os povos arrumou uma língua só oficial. Até hoje você vai lá, conforme o lugar que você vai você não entende nada do que eles falam eles continuam fazendo dialetos.<sup>34</sup>

Voltando a tratar do conteúdo do *Apollo Jornal*, em relação aos artigos de Ines Piacesi, pode-se dizer que eles eram diversificados. Eles versavam sobre diversos assuntos, desde elogios a um livro de poesias do autor barbacenense Flausino Valle, até um suposto antagonismo entre homens e mulheres.

Nesse ponto, chega-se à segunda situação de ambivalência encontrada na vida de Ines: a forma como ela enxergava a relação existente entre mulheres e homens.

Embora no início de suas atividades enquanto colunista perceba-se uma considerável influência de sua formação, reprimindo, de certo modo, o ímpeto de suas ações e posicionamentos, no ano de 1923, é possível perceber que Ines assumiu pela primeira vez uma posição mais progressista, a de feminista.

No entanto, tal posicionamento não deve ser enxergado como a adoção de um radicalismo em sua postura, fato às vezes atribuído pelo senso comum ao movimento feminista. Deve-se lembrar, como já foi dito anteriormente, que em nenhum momento Ines se distanciou ou rompeu bruscamente com os valores de seu tempo.

A esse respeito, salvo as devidas proporções, percebemos, através da análise da descrição acerca da postura de Marianne Weber no interior do movimento feminista, uma certa similaridade com os posicionamentos de Ines Piacesi. (WEBER: 2003)

Guenther Roth, autor da introdução da biografia de Max Weber, ao descrever a obra de Marianne Weber, a situa no interior de uma literatura biográfica, produzida por uma geração de escritoras que ele denominou de “*Mulheres submissas e filhas devotas*”. Com estes termos, ele designou todo um grupo de mulheres intelectuais, participantes

do movimento feminista, que escreveram obras de cunho biográfico destinadas aos pais ou aos maridos.<sup>35</sup>

Para ele, tais mulheres eram dotadas uma estranha combinação: participação no movimento feminista e aparente submissão ao sexo masculino. Segundo ele, hoje, tal combinação de papéis parece inconcebível, porém, se atentarmos ao período em que Marianne participou da Federação Feminina Alemã (BDF), ela era muito significativa.

Durante sua participação na BDF, Marianne sempre fez parte da ala tida como mais conservadora, mais reformista, que ascendeu ao poder em 1910. Pode-se dizer, acerca do posicionamento de Marianne Weber no movimento feminista, que ele tenha sido ambivalente, uma vez que ela era, ao mesmo tempo, conservadora em questões éticas, liberal em relação a direitos individuais e progressista em relação à justiça social.

Portanto, ao fazer parte do movimento feminista lutando pela ampliação dos direitos das mulheres, ela era vista como progressista, porém quando as bandeiras levantadas pelo movimento, como, por exemplo, a defesa da libertação sexual, entravam em conflito com sua formação cultural, a mesma passava a adotar uma postura mais conservadora. Assim, percebe-se que havia nos posicionamentos de Marianne uma certa ambivalência.

Nesse sentido, no que toca à sua relação com o movimento feminista, salvo as devidas proporções, pode-se notar, na vida de Ines Piacesi, a adoção de semelhante posicionamento.

Em resposta à enquete lançada por Aroldo Piacesi no *Apollo Jornal*, tivemos na edição de número 8, de 30/09/23, publicada a opinião do poeta e professor barbacenense Junius. Seu nome ainda também se fez presente no referido jornal, na edição seguinte de

07/10/23, ao ter um soneto publicado na primeira página, em homenagem ao *Cine Teatro Apollo*.

Porém, para nosso propósito, Junius se mostra realmente importante, quando na edição de número 10 datada de 14/10/1923, teve o seguinte soneto de sua autoria, publicado sob o título de “*Sufragistas*”:

D’América do Norte ao centro d’Allemanha,  
A’ França, Gran Bretanha, a toda Europa enfim...,  
A lueta em pról da idèa alastra-se tamanha  
Que faz admirar-me um tal vigor assim!

Conquista-se o direito a golpes de talento,  
Com frases buriladas, com argumentos taes...,  
Que affirmo convencido, e tal contentamento,  
Que ganham a cruzada e mil victórias mais!

Rijas lutadouras, intrépid’e e valentes,  
Que tendes a coragem, em prélios eloquentes,  
De projectar ao nada os velhos preconceitos

Os louros da victoria, a mèsse da conquista  
De certo hão de forçar, não há quem lhes resista  
A reintegração nos lidimos direitos!<sup>36</sup>

O interessante de se notar aqui é que, na ocasião da publicação desse soneto, Junis o ofereceu a Dona Paula, portanto à Ines Piacesi que, à luz de seu pseudônimo, agradeceu-lhe. Entretanto, em meio a suas palavras, mesmo se assumindo enquanto feminista, afirmou que não defendia o movimento sufragista.

Tal posição foi assim publicada logo acima do soneto de Junius:

“Ao talentoso e distinto Junius, D. Paula agradecendo, manda dizer que é feminista como o deve ser toda mulher desanalfabetizada, mas não é e nunca será... sufragista.”<sup>37</sup>

Uma semana depois, Junius, em um novo soneto intitulado “*Em paralelo*” utilizou parte dessas palavras de D. Paula como epígrafe do mesmo, que ainda versava sobre o assunto do sufrágio: “*Sou feminista, nunca serei... sufragista*”<sup>38</sup>

Ines Piacesi se manteve, portanto, num primeiro momento, alinhada aos papéis preconizados à mulher. Porém, ao assumir a posição de feminista, mesmo não apresentando uma postura exaltada, infere-se que a mesma tenha sustentado, perante o marido, um significativo descompasso em relação à moral da época.

A importância desse posicionamento torna-se clara, uma vez que, assim como percebe-se traços feministas em seus artigos assinados como D. Paula no *Apollo Jornal*, – como por exemplo, no intitulado “*Eterno antagonismo*” de 28/10/23, – também percebe-se uma certa abertura para artigos com posicionamentos semelhantes no jornal. Sobre esse aspecto, enfatiza-se que ele pode nos levar a dois caminhos interpretativos diferentes.

Numa primeira perspectiva, pode-se argumentar que Ines Piacesi, por manter uma posição de defesa do feminismo, tenha aberto espaço para tal tipo de apologia. Exemplo disso foi a publicação dos dois sonetos do poeta e professor Junius. Já num outro cenário um pouco mais ousado, pode-se levantar a possibilidade de que, mesmo o jornal sendo de propriedade de Aroldo Piacesi, fosse sua mulher quem realmente o dirigia.

Essa segunda proposição não é improvável, uma vez que o volume de matérias escritas por Ines Piacesi era maior do que as matérias escritas por Aroldo Piacesi, um total de 12 em relação às 9, isso sem contar as que não levavam assinatura nenhuma, mas que, por comparação, podem lhes ser atribuídas.

Tal suposição é ainda mais plausível se considerarmos as palavras de Maria Ines Leda Piacesi ao colocar as seguintes palavras acerca de seu pai: Ele *“teve o Apollo jornal, que acabou porque provavelmente o Aroldo não tinha tempo de ficar cuidando do jornal, pois tinha que cuidar dos negócios e sustentar a família toda, era muita gente 11 filhos vivos(...)”*<sup>39</sup>

Quando ela começou a escrever artigos com tons feministas, passou a chamar a atenção de outros autores, fato que lhe conferiu certo destaque, como o caso dos dois sonetos que Junius lhe dedicou. Nessa ocasião, através do contexto, bem como do conteúdo dos sonetos, percebeu-se que, pelo fato de ser-lhe atribuída uma condição de proeminência, ela poderia tanto assumir uma posição mais aguerrida, quanto uma posição mais conservadora. Novamente Ines optou pela segunda opção.

Ela rompeu com os valores morais da época ao se assumir feminista, porém, quando teve a oportunidade de assumir um papel que lhe denotaria um caráter que pudesse ser entendido como mais radical, caso levantasse a bandeira do direito ao voto feminino, a mesma recuou. Ela se assumiu sim enquanto feminista, mas foi veementemente contrária ao sufrágismo, adotando, assim como Marianne Weber, uma posição progressista ao se declarar feminista, porém uma posição conservadora quando esse feminismo pudesse lhe colocar na condição de radical no que diz respeito ao choque com os valores morais.

Assim, ao analisar a inclinação feminista de Ines Piacesi, percebe-se que ela denota uma segunda situação de ambivalência presente em sua vida.

A abordagem dessa segunda experiência ambivalente vivida por Ines Piacesi, por sua vez, é encarada como a última de “caráter privado” pois, a partir do fechamento

do *Apollo Jornal*, o que se vê é cada vez mais a entrada de Ines Piacesi na esfera pública.

Como já dito anteriormente, se por um lado ela não realizou nenhum rompimento brusco com os valores morais de seu tempo, se ela em nenhum momento abandonou sua formação recebida, por outro, a próxima e mais significativa experiência ambivalente de Ines Piacesi abordada, representará uma verticalização em sua entrada na esfera pública, ao mesmo tempo que reforçará seu caráter mais conservador.

Após o fechamento do *Apollo Jornal*, Ines Piacesi continuou a escrever para outros jornais, principalmente para o jornal *Cidade de Barbacena*.

No ano de 1928, ela acentuou sua inserção na esfera pública ao iniciar sua carreira como professora primária no Grupo Escolar Bias Fortes. Suas atividades enquanto docente ocorreram no período compreendido entre 1928 e 1951, quando ela, por motivo de saúde, se aposentou.

Nota-se que Ines Piacesi só começou a trabalhar no magistério 16 anos após ter se casado. Acredita-se que esse hiato entre o ano de seu casamento e o ano no qual assumiu o cargo de professora, tenha se dado devido aos valores da época. Em 1928, Ines já tinha dado à luz 9 filhos dos quais, como já dito anteriormente, o primeiro falecera muito pequeno. Dessa forma, as tarefas de constituir uma família, bem como o cuidar da casa já estavam bem encaminhadas, uma vez que sua filha mais velha já tinha, nesse período, quase 14 anos.

A esse respeito, a partir de 1928, a jovem Elge Ausonia Piacesi, passou a ter um importante papel na rotina da casa, sendo uma das tarefas cuidar de seus irmãos menores. Na ótica de sua irmã Maria Ines Leda Piacesi, pelo fato de sua mãe ter passado a exercer atividades que lhe tomavam muito tempo, Elge passou a exercer em relação



aos irmãos menores o papel de uma segunda mãe, “(...) *porque a Elge ajudou, praticamente foi a segunda mãe nossa, porque a mamãe saia muito, trabalhava (...)*”<sup>40</sup>

A esse respeito, ao lhe ser perguntado como foi sua infância, nota-se um posicionamento semelhante nas palavras de Elge Piacesi.

Trabalhando em casa, fazendo coisa de casa, ajudando muito para ela, porque eu era uma das mais velhas, aí ajudava né. Eu tomava conta, ela ia, ela tinha que fazer outras coisas, e eu é que ficava com a empregada, né? Se não ela não conseguia também não, e se a gente não lutasse junto com ela, de ajudar né (...)<sup>41</sup>

Esse fato de a filha mais velha passar a cuidar da casa é muito significativo. Ele nos leva a uma diferenciação importantíssima imposta por Ines à criação de seus filhos, fruto da força dos valores tradicionais arraigados na mesma devido à formação que recebera.

Às meninas destinava-se o aprendizado de como cuidar da casa, o preparo para exercer a função que delas se esperava, o casamento, já aos meninos destinavam-se os estudos.

Assim, no mesmo momento em que sua filha Maria Ines Leda Piacesi lhe confere o título de primeira feminista da cidade de Barbacena, também lhe atribui uma postura extremamente conservadora. Acerca da visão do que seria o ideal para a educação das filhas, ela coloca que a mãe afirmava que:

A mulher tinha que trabalhar. Não, com as filhas não! Ela não me deixou fazer curso superior, ninguém lá em casa, mulher não podia fazer curso superior, agora os homens, todos ela encaminhou para curso superior. Homem tira profissão, as mulheres não, mulher é dentro de casa!<sup>42</sup>

Nota-se uma clara diferenciação imposta à criação dos filhos, que, no entanto, é facilmente explicada pela moral da época. Ines Piacesi tinha consciência, por ser uma

intelectual, do valor da educação. Dessa maneira, desde cedo enviava os filhos para estudar fora. No entanto, tal oportunidade era vedada às mulheres, pois para ela, sua missão deveria ser o cuidar do lar, a constituição da família.

Sobre o envio dos filhos homens para estudar fora da cidade de Barbacena, torna-se necessário, nesse momento, fazer uma consideração importante. Ines enviou seus filhos homens para estudar no Colégio Salesiano de Cachoeira do Campo, sob o regime de internato. Tal situação pode ser explicada pelo fato de a mesma acreditar que isso representaria uma melhor oportunidade para sua formação, associando-a ainda aos valores cristãos, uma vez que era devota de Dom Bosco, o fundador e santo protetor dos salesianos.

Dessa maneira, durante a entrevista com sua filha Maria Ines Leda Piacesi, notou-se em vários momentos a referência a uma presença muito forte da religiosidade em Ines, muito provavelmente advinda de sua íntima relação com a Irmã Paula Boisseau ainda no colégio Imaculada Conceição. Portanto, entende-se que o catolicismo teve grande influência em sua vida, orientando suas ações, assim como os valores tradicionais que nela sempre se fizeram presente.

A esse respeito, retomam-se a seguir duas passagens da entrevista que se remetem a esse lado religioso e à sua crença de que o envio dos filhos aos internatos dos salesianos lhes proporcionaria uma melhor formação.

#### Em relação ao lado religioso de Ines

Esse jeito dela ser pra mim é um pouco instintivo talvez da família dela porque a gente pega o jeito da família também né. Mas no mais ela pegou foi por causa da Irmã [Paula]. A Irmã ela vivia, ajoelhava lá perto da Irmã, a Irmã acarinhava ela e todo lugar, a Irmã, essa diretora lá, a Irmã Paula né. Por isso é que elas estavam sempre juntas, então, por isso é que ela pegou muito aquele jeito de saber que tem deveres né, porque as pessoas não podem exercer essas coisas tudo. Ela tinha horror de imaginar que um filho pudesse fazer alguma coisa errada, como, por exemplo, ficar com uma menina e não casar com ela, entendeu? Essas coisas todas, ela tinha horror de pensar.<sup>43</sup>

Já no que se refere ao envio dos filhos aos internatos salesianos

Mas só que ela mandava os filhos todos para fora, mandava os filhos estudar fora porque falava que Barbacena não tinha educação, não tinha um ensino mais assim, né? Um ensino assim, melhor né? Com mais professores que sabiam mais, essas coisas, pelo menos ela achava que estudar nos Salesianos. Porque ela falava que ela era filha de Dom Bosco, como é que chama, irmandade né? Então tudo era salesiano. Nós tínhamos a imagem do Dom Bosco e tudo, que depois foi posto lá no túmulo dela, infelizmente foi roubado levaram aquilo e a gente não quis mais. Então ela era muito religiosa, não deixava filho fazer nada errado, os filhos foram todos criados debaixo da moral (...)<sup>44</sup>

Assim, percebe-se que com o envio de seus filhos aos internatos salesianos, Ines entendia que, ao mesmo tempo que lhes proporcionava uma melhor educação, sabia que eles se formariam dentro de valores cristãos, o que para ela tinha muito peso.

Analisando essa situação por um outro lado, ainda que em nenhum momento o envio dos filhos aos internatos salesianos tenha se dado por esse motivo, tal fato também lhe era favorável, na medida em que ajudava a diminuir a carga de obrigações que lhe era imposta, proporcionando-lhe uma maior mobilidade para exercer suas atividades enquanto professora e jornalista.

Assim, conforme já foi dito anteriormente, ela, num primeiro momento voltou-se para o cuidar da família, para só depois, inserir-se na esfera pública de forma definitiva.

Em relação à sua atividade enquanto docente, durante esses 23 anos de magistério, Ines Piacesi se mostrou uma professora muito ativa. Sempre inovando os métodos de ensino, realizando excursões com seus alunos a cidades como São João Del Rei e Ouro Preto, mostrando-se uma professora dinâmica, que utilizava modernas estratégias de ensino.

Sempre preocupada com o desenvolvimento de seus alunos, realizou por diversas vezes apresentação de trabalhos deles em seu Cine Teatro, conforme noticiado no *Rubicon* de número 151, na matéria intitulada “*Auditório escolar*”. De acordo com a matéria, realizou-se no *Cine Teatro Apollo* a apresentação de poemas, de algumas esquetes teatrais de autoria de Ines Piacesi acerca de noções do corpo humano, os reinos da natureza, etc, além da apresentação do Hino a Barbacena, composto por Ines Piacesi.<sup>45</sup>

Sobre os auditórios escolares, eles eram assim definidos nas palavras do *Rubicon*:

Auditório escolar não é teatro nem festa pomposa, apenas *a prolongação das aulas*, sob a forma de teatro, para desenvolver e desemburrar certas naturezas que são verdadeiros bichinhos de concha. Num auditório escolar, não se deve procurar a perfeição, nem traquejo artístico, o que se requer é apenas delicadeza, polidez social e disciplina. Os auditórios são geralmente reveladores de capacidades.<sup>46</sup>

Além dos auditórios escolares, Ines oferecia sessões de cinema que tinham sua verba revertida para o caixa escolar do grupo no qual dava aulas. Tais sessões beneficentes ocorreram por diversas vezes, sendo noticiadas nas seguintes matérias do jornal *Cidade de Barbacena*: “*No grupo escolar Bias Fortes*” de 22/04/1933, “*O espetáculo em benefício das crianças pobres do grupo*” de 11/08/1934 e “*Em prol das crianças pobres*” de 04/09/1935.

Devido a sua intensa atividade, bem como por conta de seu empenho em estudar pedagogia, a mesma participou do Congresso de Educação em Goiânia no ano de 1942, apresentando os três seguintes trabalhos: “*Como se educar a criança brasileira*”, “*Educação Moral*” e “*Escola de Brasilidade*”.<sup>47</sup>

Ela recebeu destaque por sua desenvoltura uma vez que sempre oferecia palestras sobre os mais diversos assuntos como, por exemplo, sobre o dia Pan-Americano no jornal *Cidade de Barbacena* de 17/04/43, e sobre o 21 de Abril, no mesmo jornal na data de 22/04/33. Além disso, defendeu a classe das professoras do estado de Minas Gerais, através dos jornais, criticando abertamente o governo por pagar pouco às mesmas, como por exemplo, no artigo “Carta aberta ao governador” publicado no jornal *Cidade de Barbacena* de 21/01/43.<sup>48</sup>

Sua atividade de professora talvez tenha sido a única das funções por ela desempenhada que não tenha sido dotada de posicionamentos ambivalentes. Muito pelo contrário, ela pode ser até vista como a posição mais progressista assumida por Ines. O magistério foi importante na medida em que significou o início da transição da esfera privada para a pública.

Nas palavras de sua filha Maria Ines Leda Piacesi, as atividades de sua mãe no magistério foram intensas. Para ela, talvez o fato de tais atividades possivelmente terem incomodado as pessoas, possa explicar o motivo pelo qual Ines não ascendeu a cargos de chefia no sistema educacional como, por exemplo, o de diretora.

Ela levava os alunos dela pra passear fora. E tanto ela mexia nessas coisas da escola, porque a diretora lá, não sei qual das diretoras, porque ela pegou duas diretoras diferentes. Teve uma lá que chegou, hoje eu fico pensando ela não devia gostar da movimentação da minha mãe porque ela é que estava em posição subalterna. Ela saía com os alunos, saía, fazia excursão, mamãe chegou a fazer excursão com os alunos dela em Ouro Preto, eu era menor e fui com ela junto para acompanhar, nós temos retrato disso até hoje. Então ela era uma pessoa assim muito empreendedora (...)<sup>49</sup>

Sobre essas intensas atividades realizadas por Ines, ainda segundo Maria Ines Leda Piacesi: *ela não chegou a ser diretora de escola porque ninguém estava querendo que ela fizesse mais do que ela estava fazendo não, entendeu?*<sup>50</sup>

Destarte, concomitantemente ao magistério, a partir do ano de 1935, Ines iniciou a atividade que, sem dúvida nenhuma, lhe rendeu mais destaque: a direção e a escrita de seu jornal *O Rubicon*.

O nome *O Rubicon*, segundo o artigo intitulado “*Rubicon... Porquê?*”, publicado em sua edição de número 243 de 15/06/1948, remeteria-se ao nome de um pequeno rio ao norte da Itália. De acordo com o artigo, o Senado Romano havia decretado que, caso alguma força armada atravessasse tal rio, a mesma seria decretada inimiga. Dessa maneira, Júlio César, quando resolveu encarar seus companheiros de triunvirato, proferiu, às margens do pequeno rio, sua célebre frase “*A sorte está lançada*”, e o atravessou.<sup>51</sup>

Na mesma matéria, ao remeter-se às condições do jornal, temos os seguintes dizeres:

Ao encetar a publicação deste jornal, a Redação se viu também em uma situação difícil...

Uma iniciativa dessas no interior, requer grande dose de coragem, de persistência, de espírito, de sacrifício... para se manter e agüentar FIRME tudo o que der e vier... Também lançou o grito de Júlio César... e RUBICON aí está!...

TREZE ANOS de caminhada e que Deus continue a ampará-lo.<sup>52</sup>

O jornal de propriedade de Ines Piacesi circulou, pelo que se infere, de 15/06/1938 a aproximadamente o ano de 1951. Sempre trazia em sua primeira página um cabeçalho que, via de regra, o tipificava como “Jornal garoto”. Ao longo dos quase 15 anos em que circulou, os dizeres desse cabeçalho mudaram um pouco, de acordo com a conjuntura que o país passava.

Em 09/07/39, por exemplo, ele se intitulava na página inicial como sendo “*Jornal idealista diz o que sente, pelo bem no nosso Brasil e da nossa gente. Semanário – Recreativo – Noticioso – Independente e Teimoso.*”<sup>53</sup> Já na edição de número 78, se intitulava da seguinte forma, “*Não sou político, não tenho partido: simples garoto*

*irriquieto e buliçoso, de natureza impertinente, não minto, quando digo o que sinto. Domingueiro – Recreativo – Noticioso – Idealista e Teimoso”.*<sup>54</sup>

Além das auto-intitulações acima citadas, que se faziam presentes na primeira página, em algumas ocasiões percebeu-se a presença de uma marcante característica de Ines Piacesi, seu nacionalismo.

Na edição de número 141, datada de 23/07/1939, tivemos a seguinte apresentação do mesmo: *“Brasil, eu te amo, porque és grande, porque és bom, porque és belo! Porque me enches a alma de orgulho. Jornal idealista diz o que sente, pelo bem do nosso Brasil e da nossa gente.”*<sup>55</sup>

Esse traço nacionalista de Ines Piacesi foi uma presença constante em seus escritos. O interessante de se notar é que, em meio às edições do *Rubicon*, as quais tivemos acesso, via de regra, esse tom nacionalista esteve associado à figura de Getúlio Vargas e ao Estado Novo.

Assim, nas palavras do *Rubicon*, exaltando o regime de Vargas

Estado Novo – é o advento da grandeza potencial do país. Integrar-se consciente, na doutrina de seu Regimen disciplinador e forte, é rasgar a grande estrada que fará do nosso Brasil tão grande a grande Potência a que está destinado. O Estado Novo ó governo forte que torna forte uma povo.<sup>56</sup>

Nota-se a ênfase dada pela mesma na força do governo, na disciplina. Tais traços foram colocados por suas filhas, nas entrevistas realizadas, como uma característica muito presente na personalidade de Ines Piacesi.

Nas palavras de Maria Ines Leda Piacesi, o caráter autoritário de sua mãe foi assim colocado: *Minha mãe era muito enérgica, papai que era mais calmo, mas também não mexia muito com a gente, ele era aquele tipo de pai padronizado, tradicional, que cuida da família que procura estar sempre equilibrando né?*<sup>57</sup>

Devido ao temperamento enérgico que denota traços de autoritarismo, a filha ainda afirma que Ines tomava para si algumas responsabilidades que sob sua ótica deveriam ser atribuídas à pessoa de seu pai. Em suas palavras:

A gente não podia falar nada entendeu como é que é? O papel que as vezes é o pai que faz a mamãe que fazia. O Papai ficava só olhando assim olhando tudo e se precisasse retificar alguma coisa exagerada ele fazia, mas ele deixava tudo pra minha mãe.<sup>58</sup>

É interessante notar neste momento que, em várias edições, Ines mostrou-se simpatizante de ditadores tais como Mussolini, Hitler e Getúlio Vargas. Um exemplo disso ocorreu na edição de número 180, na qual tivemos uma associação de Getúlio Vargas a Mussolini, quando o primeiro foi chamado de Duce da América.<sup>59</sup>

Sobre essa simpatia pelo Estado Novo, bem como por Getúlio Vargas, nota-se nos escritos de Ines Piacesi que ela advêm de uma grande admiração por Estados e governantes tidos como “fortes”. Assim, foram muito recorrentes nas edições do *Rubicon* às quais tivemos acesso, elogios à Itália fascista, bem como a seu líder Mussolini.

Portanto, bem como em Aroldo Piacesi, percebeu-se em Ines, de maneira clara, uma simpatia pelo regime italiano. O fato de ela ter associado Getúlio Vargas a Mussolini, denotava a existência, para a mesma, de uma relação entre a ditadura brasileira e o regime fascista de Mussolini.

O curioso é que, ao elogiar o governo de Getúlio Vargas, sobretudo em detrimento da firmeza advinda de sua personalidade, a mesma possivelmente nem desconfiava que era vítima da estrutura repressora por ele montada no Estado Novo. Assim, através de documento produzido pela Delegacia de Ordem Pública e Social, percebe-se que Ines foi monitorada, no ano de 1937, sob a suspeita de professar a doutrina do Integralismo a seus alunos.<sup>60</sup>



Ainda acerca do *Rubicon*, temos que Ines Piacesi foi sua redatora e proprietária por quase todo o período em que o mesmo circulou. Entretanto, no período compreendido entre 09/07/1939 a 26/01/1941, o jornal trazia em seu expediente o nome de seu filho Italo Alpino como proprietário, e o de Ines como redatora. Seja como for, ela nunca deixou de comandar o jornal, que segundo sua filha Maria Ines Leda Piacesi, tinha o seu temperamento.

“O *Rubicon* era o jeito da mamãe, alegre, brincalhão, ela gostava de criticar do bom jeito, referindo-se ao título de moleque, sapeca (...)”<sup>61</sup> adiante na entrevista ela volta a retomar o assunto do *Rubicon* e coloca que:

O *Rubicon* era sério, ele não falava mentiras, ele era independente, ele não ficava por conta de pôr anúncio para ganhar dinheiro, mamãe nunca ganhou nada com ele, tanto porque ela acabou tendo que fechar o *Rubicon*, porque ela não tinha dinheiro pra ficar pagando mais, como se diz? A edição né? Porque tinha os assinantes, só que era eu que ia de porta em porta pra cobrar a assinatura do *Rubicon* que era uma coisinha pequena lá. Mas não tinha tanto para tomar, porque era isso, vinha uma vez ou outra, vinha mais, uma vez por ano quase só.<sup>62</sup>

Essas palavras de Maria Ines Leda Piacesi são facilmente percebidas ao longo das edições do *Rubicon*, quando várias vezes Ines Piacesi pediu encarecidamente para que os leitores pagassem as assinaturas, a fim de que o jornal pudesse continuar circulando.

A esse respeito, nota-se, na primeira página da edição de número 105, datada de 20/02/1938, os seguintes versos intitulados “*Expediente*”, como forma de pedir aos assinantes que paguem suas assinaturas.

Vencendo a vida apertada  
Vimos agora apelar  
Aos bons leitores amigos  
Seu contributo nos dar

Sem ovos, não há fritadas...  
 Sem tostão, adeus .... jornal!  
 Nem só do pão vive o homem  
 E OITO MIL RÉIS afinal,  
 ... não é nada de mais.<sup>63</sup>

Assim, percebe-se que o preço a ser pago pela independência que Ines possuía para escrever no jornal, sempre prenunciada em seu cabeçalho, era o de sempre ter que ficar recorrendo ao bom senso dos leitores para que os mesmos pagassem as assinaturas. Esse pequeno poema acima não foi uma atitude isolada, durante o período compreendido entre 1938 a 1942.

Realmente os anúncios eram escassos no jornal, com a exceção dos feitos para *Cine Teatro Apollo*. Dessa maneira, percebe-se que, assim como o extinto *Apollo Jornal*, *O Rubicon* também representava uma forma de promover a maior atividade econômica da família. Para tanto, mantinha uma coluna chamada *Cinedia*, na qual fazia propaganda dos filmes a serem exibidos no *Cine Teatro Apollo*.

Pode-se dizer que *O Rubicon*, de certa forma, foi um espelho de sua proprietária, ele se declarava independente, teimoso, no entanto o era até certo ponto. Sua leitura permite que sejam percebidas várias nuances de Ines Piacesi. Ao mesmo tempo em que ele se mostrava brincalhão, também se colocava sério. Conseguia reunir em uma mesma edição artigos de autoria de Ines que versavam sobre pedagogia, juntamente com contos que tinham um tom humorístico.

Assim, entende-se que *O Rubicon* permitiu a Ines mostrar seu lado mais contestador. Nele, lhe era permitido contestar, conforme dito anteriormente, o pequeno salário das professoras em Minas Gerais, escrever artigos sobre política, entre outros. Entretanto, também lhe permitiu apresentar seus posicionamentos entendidos como

mais conservadores, através de inúmeros artigos como, por exemplo, os publicados em sua coluna “*Rumo ao Lar*”.

A referida coluna, via de regra, visava reforçar que o papel esperado da mulher era o cuidar da casa. Ela abordou várias questões como, por exemplo, a maneira que a mulher deveria se portar em relação às empregadas domésticas, como deveria cuidar dos filhos, etc. Assim, sob esse ponto de vista, nota-se que havia em seus escritos a concepção de que a mulher deveria voltar-se para o marido, de que deveria ser uma companheira dedicada. O artigo abaixo transcrito, intitulado “*Decálogo da mulher casada*” é muito significativo nesse sentido, ao enumerar quais os 10 mandamentos da mulher casada.

1º – No dia do teu casamento supõe que todos os homens morreram. Para ti só um existe – o teu marido.

2º – Nunca deixeis de cuidar da tua beleza: pela hygiene, pela gymnastica, artificio.

3º – Não feches o piano e lê sempre que possas. Acompanha-o também intelectualmente.

4º – Quando elle não estiver em casa, occupa-te com os trabalhos domésticos. Mas depois, nunca lhe fales nas contrariedades pequenas que o pessoal te causa.

5º – Aparece-lhe sempre vestida, sorridente e perfumada. És a paisagem da tranquillidade que elle contempla depois da faina diaria.

6º – Quando te convidar para sair a noite, nunca lhes diga não.

7º – Recalca o ciume. Não lhes vás tu lembrar quillo que elle não pensava.

8º – Preoccupa-te com a comida. Uma boa cozinheira é um elemento de felicidade.

9º – Do dinheiro que elle te der para casa, economiza sempre alguma coisa para quando for necessário de repente.

10º – Não esqueças nunca que elle é tua vida. Tornando-o feliz, crêas a tua propria felicidade.<sup>64</sup>

Nesse decálogo, percebe-se claramente a posição mais conservadora assumida por Ines, ao reforçar toda a moral reinante de que a mulher deveria viver para o marido, e para o lar, sendo que tal postura é ainda encontrada em muitos outros artigos, como, por exemplo, na já mencionada coluna “*Rumo ao lar*”.

Na referida coluna, com edição de número 117, datada de 24/09/38, nota-se as seguintes afirmações sobre o motivo pelo qual a mulher teria nascido.

A mulher nasceu exclusivamente, para encantar o dono de sua costela, para ser a sua companheira dedicada, o seu bibelot precioso e consciente. É para a suprema felicidade do lar – que nasceu a mulher. E diga-se uma cousa leitora, haverá cousa melhor para ela que as luctas que não tem treino, do que ser a rainha absoluta em seu gracioso reino?<sup>65</sup>

Assim, através de seus escritos, percebe-se o que denominamos como lado mais conservador. Entretanto ver nestes artigos a expressão de sua personalidade seria diminuir demais a complexidade das experiências de Ines Piacesi.

Ao mesmo tempo que ela reforçava tais posições conservadoras, escrevia sobre política, defendendo as ações de Getúlio Vargas e da Itália e Alemanha na Europa, sobretudo no período anterior à Segunda Guerra Mundial.

Ao mesmo tempo que Ines demonstrava seu lado mais conservador, uma vez que o próprio título de sua coluna “*Rumo ao lar*” já indica uma tentativa de se criticar a saída da mulher do recanto do lar, ela defende o direito de a mulher trabalhar no funcionalismo público.

A esse respeito, comentando o parecer emitido por Dr. Simões Lopes, ao que tudo indica um juiz, acerca de uma petição, enviada por estudantes de direito de Niterói, que protestava contra a atuação da mulher no funcionalismo público, a mesma coloca-se na defesa do Direito das mulheres trabalharem no artigo intitulado “*O novo Regimen*”. Entretanto esse posicionamento se manteve alinhado aos valores tradicionais que lhes eram caros.

Em suas palavras:

(...) O lugar da mulher é dentro de casa, estamos de acordo, e o ideal seria que todos pudessem realiza-lo. Mas não há lei que obrigue os homens a procurar “a dona” de sua costela, daí a necessidade da mulher se emancipar, garantindo a sua própria subsistência. Quem achar que essa situação prejudica o seu lar, a sua felicidade, é opor se a ela, dentro do seu próprio terreno. A lei é que não deve tolher o direito de quem o obteve por concurso. O espírito não tem sexo e a mulher-funcionaria é um factor de colaboração como outro qualquer.<sup>66</sup>

Ao mesmo tempo que ela, embora de forma conservadora, defende o direito de as mulheres trabalharem fora, tenta estabelecer uma condição de igualdade entre os sexos no funcionalismo público afirmando que, como espírito não tem sexo, as mulheres-funcionárias seriam iguais a qualquer outro funcionário público.

Nota-se que, quando Ines poderia assumir uma posição mais progressista de defesa dos direitos das mulheres, ela não o faz, age sempre em acordo com o ideal de atuação a elas preconizado. Entretanto, quando passa a reforçar esse ideal preconizado, o faz com muita ênfase.

No artigo “*Ciumes*”, por ela oferecido às leitoras inteligentes, Ines é extremamente conservadora ao afirmar que as esposas não deveriam ter ciúmes, e que, portanto, elas não deveriam pressionar seus maridos para descobrir tudo o que eles fazem fora de casa.

Em suas palavras:

O marido que tem a sua dignidade de caráter, não vai levar ao ridículo o nome de sua mulher. Sabe guardar as aparências e o que os olhos não vêem, o coração não sente. O ciúme é uma das formulas de se revelar inferioridade. Só se pode admitir entre namorados, que não se conhecem bem, ainda. A logica do tema não permite replica: ou é ou não é. Portanto em que adianta o ciúme? Os homens têm direito de ser homens. Enquanto a mulher não pode fugir as suas prerrogativas de delicadeza, recato e fragilidade. Nesta questão de ciúme, a tática e a inteligencia superior – tudo.<sup>67</sup>

Nessas palavras, percebe-se, claramente que ela entendia que as mulheres deveriam se manter de acordo com a moral, com os valores tradicionais, ao passo que os

homens tinham direitos de exercer sua “masculinidade”. Nesse sentido, para ela, se a mulher fosse ciumenta, a única coisa que ela poderia descobrir é que seu marido possivelmente, lhe era infiel. Portanto, Ines postulava que as mulheres inteligentes não deveriam ser ciumentas, uma vez que os homens apenas exercem suas prerrogativas masculinas.

Concluindo, esses artigos denotam a maior das ambivalências vivida por Ines. No momento em que ela alcançou o máximo de penetração na esfera pública, através do magistério, do jornal do qual era proprietária; no momento em que ela alcançou espaços que quase nenhuma mulher obteve naquela sociedade, chegando a obter algumas prerrogativas “masculinas”, como o direito de trabalhar fora e ganhar um salário, como no magistério, bem como ser proprietária de um veículo de comunicação importante, *O Rubicon*, ao invés de ela acentuar seus posicionamentos contestadores, ela só acentuou seu lado mais conservador.

A impressão que se tem é que Ines, por sua própria personalidade, desejou alcançar espaços para desenvolver sua intelectualidade. No entanto, os espaços por ela conquistados serviram de plataforma para ela reforçar valores tradicionais nela arraigados pela formação que lhe fora imposta.

Assim, ao se analisar as ações e posicionamentos de Ines Piacesi, numa conjuntura maior, pode-se observar dois distintos momentos.

Num primeiro, percebe-se a existência de um conflito interno, reflexo do embate entre valores morais e defesa do feminismo, sendo que tal defesa denotava o rompimento com tais valores. O resultado de tal conflito, no entanto, foi a adoção de posturas alinhadas aos valores morais preconizados no interior da esfera privada, tida

como ideal às atividades das mulheres. Exemplo disso foi a defesa do feminismo, sem, no entanto, a mesma ter se assumido sufragista.

Já no segundo momento, ocorrido depois de 1928, percebe-se que ela alcançou uma condição totalmente diferenciada uma vez que, definitivamente, se inseriu na esfera pública, passando a exercer suas atividades de professora, de jornalista bem como a de dona de um jornal. Uma situação curiosa que se mostrou presente nesse momento foi o fato de que, justamente quando ela teve mais espaço na esfera pública, seu pensamento tradicional rumou ao extremismo. Isso ocorreu quando o movimento sufragista, antes visto como radical, não mais existia, uma vez que o direito ao voto já havia sido alcançado. Portanto, o que antes era visto como extremismo dentro do movimento feminista já não mais o era.

Assim, a esse respeito, conclui-se que quando ela teve mais possibilidade de atuar enquanto formadora de opinião, quando ela poderia desfraldar as bandeiras de libertação feminina, seja no magistério ou no jornalismo, manteve-se alinhada aos valores tradicionais, atuando de maneira a reforçá-los.

Percebe-se assim, que Ines viveu a modernidade de maneira a contestá-la e foi através dessa postura que ela conseguiu se inserir na mesma. Tais posicionamentos que visavam evitar o rompimento com os valores morais tradicionais só tiveram espaço na sociedade na qual Ines viveu, devido ao fato de que a modernidade talvez “demorasse” um pouco mais a chegar a cidades menores, uma vez que era irradiada a partir das grandes cidades.

Dessa maneira interpreta-se que, por morar numa cidade do interior ainda orientada por valores tradicionais, e pelo fato de nunca ter se distanciado desses, ela adentrou a esfera pública sem grandes prejuízos à sua condição feminina.

Na concepção de Luciana Teixeira Andrade, em Belo Horizonte, nas décadas de 1920 e 1930, pode-se perceber nas figuras de Pedro Nava, Carlos Drummond e Cyro dos Anjos a existência de um embate entre valores de um mundo tradicional, típicos de sua origem interiorana, e a modernidade.<sup>68</sup>

Assim, salvo as devidas proporções, entende-se que, de uma maneira um pouco menos intensa, tal conflito também se fez presente na cidade de Barbacena. Mesmo a cidade tendo se modernizado num ritmo menos intenso que Belo Horizonte, este conflito foi vivenciado por Ines Piacesi.

A esse respeito, coloca-se que:

Trata-se, portanto, de um problema geral e não apenas regional ou idiossincrático, intimamente ligado à contestação e destruição, pela modernidade, dos valores e estruturas sociais tradicionais, mas também de suas tensões internas que levam a outro tipo de ambivalência (...)<sup>69</sup>

Concluindo, as ambivalências vividas no seio de uma sociedade na qual se fazia presente o embate entre valores tradicionais e modernidade jamais foram superadas por Ines Piacesi. Assim, numa conjuntura modernizante, acredita-se que, com o passar do tempo, não haveria mais espaço para suas proposições, pois estas se mostrariam obsoletas, ou seja, as ambivalências vividas por Ines passariam a não mais existir, uma vez que tais conflitos já seriam considerados anacrônicos.



HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp.16.

<sup>2</sup> Idem. pp., 16-17.

<sup>3</sup> Cf: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. Belo Horizonte: Ed. UFMG,1999. pp. 67.

<sup>4</sup> GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. pp. 32.

<sup>5</sup> Idem. pp. 32-34.

<sup>6</sup> PANDOLFI, Dulce Chaves. “Os anos 1930: as incertezas do regime.” In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp. 33.

<sup>7</sup> MOTTA. op. cit. pp. 64.

<sup>8</sup> VARGAS: Apud. PANDOLFI, op. cit. pp.15.

<sup>9</sup> Idem. pp. 15.

<sup>10</sup> MOTTA. op. cit. pp. 75-76.

<sup>11</sup> Cf: SIMMEL, Georg. “Cultura Feminina.” In: SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. pp. 84.

<sup>12</sup> Cf: SIMMEL. op. cit. pp. 85.

<sup>13</sup> Idem. pp. 85-86.

<sup>14</sup> Idem. pp. 86.

<sup>15</sup> Cf: GONÇALVES. op. cit. pp. 45-49.

<sup>16</sup> Idem. pp. 45-46.

<sup>17</sup> Idem. pp. 48.

<sup>18</sup> Cf: GONÇALVES. op. cit. pp.46-49.

<sup>19</sup> Cf: BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. pp. 14.

<sup>20</sup> Idem. pp. 56.

<sup>21</sup> FERNANDES, Francisco, LUFT, Celso Pedro, GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo: Globo, 1996. 46 ed. s/p.

<sup>22</sup> Idem. s/p.

<sup>23</sup> Cf: ANDRADE, Luciana Teixeira de. *A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

<sup>24</sup> Idem. pp. 42-43.

<sup>25</sup> MERTON: Apud. ANDRADE. Op. cit. pp. 43.

<sup>26</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Cf: MASSENA, Nestor da. *Barbacena: A terra e o homem*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985. v. 1.

pp. 386.

<sup>29</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>30</sup> Idem.

<sup>31</sup> PERROT: Apud. GONÇALVES. op. cit. pp. 24.

<sup>32</sup> MERTON: Apud. ANDRADE: op. cit. pp. 17.

<sup>33</sup> “Mosaicos”. *Jornal O Rubicon*. 26/11/38. pp. 1

<sup>34</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>35</sup> Cf: WEBER, Marianne. *Weber: uma biografia*. Niterói: Casa Jorge Editorial, 2003. pp. XIII-XIV.

<sup>36</sup> “Suffragistas” *Apollo Jornal*. 14/10/23. pp. 3.

<sup>37</sup> Idem.

<sup>38</sup> “Em paralelo” *Apollo Jornal*. 28/10/23. pp. 1.

<sup>39</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>40</sup> Idem.

<sup>41</sup> Entrevista com Elge Ausonia Piacesi Calvi. Barbacena, 08/06/06.

<sup>42</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

<sup>43</sup> Idem.

- <sup>44</sup> Idem.
- <sup>45</sup> Cf: “Auditório Escolar” *Jornal O Rubicon*. 15/10/39. pp. 3.
- <sup>46</sup> “Escola Nova” *Jornal O Rubicon*. 19/05/42. pp. 1.
- <sup>47</sup> Cf: “8º Congresso Brasileiro de Educação” *Jornal Cidade de Barbacena*. 06/07/42. pp. 1.
- <sup>48</sup> Cf: “Carta Aberta ao governador” *Jornal Cidade de Barbacena*. 21/01/43. pp. 4.
- <sup>49</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.
- <sup>50</sup> Idem.
- <sup>51</sup> Cf: PIACESI, Nelo Aimone. (Coord.). *Pedaços d'alma flores do coração*. Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica, 1981. pp. 7.
- <sup>52</sup> Idem. pp. 7.
- <sup>53</sup> *Jornal O Rubicon*. 09/07/39. pp. 1.
- <sup>54</sup> PIACESI. op. cit. pp. 8.
- <sup>55</sup> *Jornal O Rubicon*. 23/07/39. pp.1.
- <sup>56</sup> *Jornal O Rubicon*. 22/10/39. pp. 1.
- <sup>57</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.
- <sup>58</sup> Idem.
- <sup>59</sup> Cf: *Jornal O Rubicon*. 04/05/41. pp. 1.
- <sup>60</sup> Rolo 64, Pasta 4504, doc. 9, datado de 22/11/1937.
- <sup>61</sup> Entrevista com Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.
- <sup>62</sup> Idem.
- <sup>63</sup> “Expediente” *Jornal O Rubicon*. 20/02/38. pp. 1.
- <sup>64</sup> “Decalogo da Mulher casada” *Jornal O Rubicon*. 20/03/38. pp. 3.
- <sup>65</sup> “Rumo ao Lar” *Jornal O Rubicon*. 24/09/38. pp. 3.
- <sup>66</sup> “O novo Regimen” *Jornal O Rubicon*. 25/05/41. pp. 2.
- <sup>67</sup> “Ciumes” *Jornal O Rubicon*. 20/11/41. pp. 1-2.
- <sup>68</sup> Cf: ANDRADE. op. cit. pp. 44.
- <sup>69</sup> Ibidem.

## Conclusão

No desenvolvimento do trabalho, devido a razões previamente explicadas, optou-se por enfatizar alguns aspectos considerados relevantes, deixando outros para um próximo estudo tais como seu envolvimento com a política local.

Nesse momento, torna-se necessário realçar todas as ações importantes levadas a cabo por Ines Piacesi, que, sem sombra de dúvidas, foi uma das mais importantes personagens femininas da história da cidade de Barbacena, sobretudo no segundo quarto do século XX, configurando-se como uma figura adiante de seu tempo.

Lidar com os valores morais rígidos de seu tempo e assumir as posturas que a mesma assumiu, ainda que não tenha proposto nenhum rompimento brusco com tais valores, lhe conferem uma posição muito significativa e, em certos momentos, altamente contestadora em relação ao padrão tido até então como ideal de atuação feminina, na sociedade barbacenense de seu tempo.

Nesse sentido, concorda-se com as posições de sua filha, Elge Ausonia Piacesi Calvi, que, durante a entrevista realizada, enfatizou tal fato.

Em suas palavras:

Não, ela era uma mulher formidável, engraçado, e nasceu fora da época dela, ela tinha que nascer.. ela era muito adiantada para a época dela, sabe? E tem gente assim, que às vezes é mais evoluída né? E ela era pela cabeça e pelo que ela lia, porque num ambiente aqui, pequeno, ela se desenvolveu sem ninguém, sozinha, lendo, falando, mexendo, conversando com os outros escritores. Tinhas muita farpa muita coisa, mas eu não sei...<sup>1</sup>

A esse respeito, o aspecto mais expressivo de sua trajetória relaciona-se com sua atuação na imprensa. Pelo que podemos inferir, através da documentação pesquisada,

pode-se propor que ela tenha sido a primeira mulher a atuar na imprensa da cidade, fato que por si só já é muito significativo.

Sobre essa atividade, no que se remete ao seu jornal *O Rubicon*, é importante se dizer que ele é o único jornal do período, do qual tivemos conhecimento até o momento, que pertencia a uma única mulher.

A própria Ines Piacesi fez questão de enfatizar tal fato em duas matérias, “*Aos nossos amigos leitores*” e “*Querido Leitor*”, publicadas no *Rubicon* nas edições números 131 e 156, respectivamente. Nessas, ela realça as dificuldades de se manter o jornal e reforça essa característica de ele ser o único jornal mantido e dirigido por uma mulher no país.

Em suas palavras:

Quem conhece a vida dificultosa deste “garoto” idealista, o único jornal de mulher que há no Brasil, dificuldades de todos os aspectos, por, quanto, há dois mil anos, é sempre a mulher-espírito, a preterida no mundo, dará valor ao esforço do *Rubicon* (...)<sup>2</sup>

Ainda a esse respeito,

Jornal de mulher, mantido e dirigido por mulher, talvez seja *Rubicon* o único no genero, e como faz juz a tal generosidade, ao acatamento de quantos vêm na fragil filha de Eva, a eterna preterida de mais de dois mil séculos, a sonhadora idealista sofrega de felicidade, o coração sensível capaz de todas as renuncias em prol do ideal que anima a humanidade: Paz, Carinho, Educação prosperidade para a sua Pátria.<sup>3</sup>

Entretanto, o *Rubicon* não foi o único jornal com tais características no período, uma vez que, na obra de Suely Kofes, encontramos uma outra referência a esse respeito. A autora fez menção à existência de um jornal que circulou na cidade de Goiás, no ano de 1926, intitulado *O Lar*, que foi fundado e dirigido por um grupo de mulheres. O

mesmo, segundo ela, era definido como “*noticioso e literário*” tendo ficado conhecido como “*um jornal feito por mulheres*”.<sup>4</sup>

Nota-se que, ao contrário do *Rubicon*, o jornal *O Lar*, foi fundado e dirigido por várias mulheres, e não por apenas uma mulher. Esse fato só coloca Ines Piacesi ainda mais em evidência, pois, ao contrário do que ocorria com o jornal *O Lar*, ela era a única proprietária do *Rubicon*. Vale ressaltar ainda que esse circulava em uma pequena cidade do interior mineiro, ao passo que o outro circulava na cidade de Goiás, capital do estado de Goiás até o ano de 1942.

Um outro fato que merece destaque é que Ines Piacesi foi uma das primeiras jornalistas a ser filiada na Associação Brasileira de Imprensa, desde a fundação do *Rubicon*, em 1935. Assim, atuando como jornalista, Ines Piacesi se colocou numa posição de destaque, quando, em 1939, participou como representante da imprensa de Barbacena no congresso de jornalismo, realizado na cidade de Campo Belo.

Nesse evento, a partir da lista dos jornalistas que assinaram o documento enviado a Getúlio Vargas, que tinha como objetivo central pleitear algumas ações para tornar viável a atividade jornalística no interior do país, como, por exemplo, a isenção de impostos na compra do papel d’água e o fornecimento de subsídios para os jornais advindos das prefeituras, publicada no jornal *Rubicon*, infere-se que Ines tenha sido a única mulher a participar do mesmo.<sup>5</sup>

Ela foi homenageada na tarde esportiva, onde foi realizado um jogo de futebol, tendo a mesma ficado encarregada de dar o pontapé inicial da partida. Também fez um discurso de agradecimento às homenagens realizadas aos congressistas pelas professoras da cidade, num chá dançante, artístico e literário que contou com números musicais e recitações de poesias.<sup>6</sup>

Assim, propõe-se que seu feminismo ligava-se menos às bandeiras levantadas pelo próprio movimento feminista como, por exemplo, a luta pelo direito ao voto, e mais a sua participação na imprensa – apesar disso não fugir completamente aos interesses do dado movimento.

Essa situação é notada ao se retomar parte do capítulo anterior. Acredita-se que sua atividade na imprensa, sobretudo quando ela fundou seu jornal, tenha sido sua definitiva inserção na esfera pública. Desse modo, ainda que Ines se mantivesse atrelada aos valores morais de sua sociedade, a atividade à frente do *Rubicon* possibilitou-lhe uma maior mobilidade para defender alguns direitos femininos, como, por exemplo, o direito a trabalhar no funcionalismo público.

Por consequência, isso lhe colocava em certo desacordo com os valores morais de seu tempo, uma vez que havia uma inadequação entre seu discurso de tom conservador e suas atividades na imprensa, campo onde assumiu algumas posturas contestadoras como a acima citada.

Pode-se então propor que tais atividades, longe de fazer com que Ines Piacesi perdesse toda a feminilidade que lhe era peculiar, afastavam-na um pouco da condição feminina preconizada. Porém, essa afirmativa é um pouco complicada de ser analisada, uma vez que Ines manteve-se, apesar disso, na maioria das vezes, alinhada aos valores de seu tempo.

Acredita-se, portanto, que ela era feminista, porém não assumiu nenhuma posição radical nesse sentido, pelo fato de sua própria atividade de jornalista já a colocar em desacordo com o padrão moral reinante.

Em seu artigo “*Escritor denegridor e mau brasileiro*”, publicado no *Rubicon* de edição número 145, podemos perceber essas nuances acima mencionadas. Nessa edição,

Ines criticou um jornalista do *Diário de Comércio*, de São João Del Rei, que havia chamado as mulheres de sirigaitas, por assumir posições feministas e por exercerem os cargos de deputadas, ministras, juradas, etc. Ela defendeu o direito de as mulheres exercerem tais cargos, rebatendo da seguinte forma o artigo do jornalista:

Então, meus leitores queridos, será possível que a mulher que trabalha, que procura ser útil a si e a sociedade, que desenvolve a sua capacidade de trabalho sem perder seu decoro e a sua feminilidade, seja sirigaita?

Não é o trabalho justamente que conserva a virtude e enobrece, que purifica a alma das criaturas? Quem trabalha, não tem tempo para ser sirigaitear... Incoerência e despeitos. Quem poderia negar a mulher o direito de desenvolver sua capacidade intelectual?

Outras, para garantirem seu futuro, se atiram corajosas à conquista de sua independência, quando podiam bem frescas bancarem eternas comodistas em seus lares, onde há sempre, por mais pobre, lugar para elas.

Como poderemos chamar um escritor que tem coragem de difamar cousas assim tão sublimes e tão edificantes?

Caso existisse a mulher dinamica, porque ela deveria ser sirigaita? Não seria antes uma gloria para o sexo?

E que culpa tem de ser incarnado, em sexo feminino, algum espírito luminoso, que se elevou com toda a campanha mesquinha que lhe faz um cronista denegridor, à deputada ou à chefe de secção? <sup>7</sup>

Antes de terminarmos as reflexões sobre nossa personagem, acredita-se ser necessário deixar claro que, dentre todas as dificuldades que foram mencionadas ao longo desse trabalho, a mais difícil foi a realização de uma aproximação com o universo feminino.

Isso porque foi preciso aproximar-se ao máximo desse universo, a fim de não perder de vista que Ines agiu através de uma concepção de mundo diferente da que era preconizada como ideal à atuação feminina, por parte dos homens de seu tempo.

Assim, a dificuldade de abordá-la se deu pelo fato de que, muitas vezes, suas ações se colocavam distantes da ótica através da qual um homem analisa o mundo, fato que não necessariamente implica em inadequação às normas ou aos valores morais.

Por fim, é de se realçar que, buscar entender tal questão pode parecer uma coisa elementar, simples, entretanto, por mais óbvia que possa parecer, não deve ser ignorada. Se tal fato acontecer, corre-se o risco de se pautar o estudo a um modo de se “fazer história” excludente, que reforce uma hierarquização historicamente construída entre os sexos, a qual tentou-se combater. Espera-se, com o trabalho apresentado, ter alcançado tal intento.



Elge Ausonia Piacesi Calvi. Entrevista cedida ao autor. Barbacena, 08/06/06.

<sup>2</sup> “Aos nossos amigos leitores” *Jornal O Rubicon*. 04/03/39. pp. 1.

<sup>3</sup> “Querido Leitor” *Jornal O Rubicon*. 17/02/40. pp. 2.

<sup>4</sup> KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. pp. 96.

<sup>5</sup> Cf. “Aspiração dos jornalistas do Interior Brasileiro” *Jornal O Rubicon*. 23/07/39. pp. 2.

<sup>6</sup> Cf. “Como decorreram os dias do Congresso” *Jornal O Rubicon*: 09/07/39. pp. 1-4.

<sup>7</sup> “Escritor denegridor e mau brasileiro” *Jornal O Rubicon*. 27/08/39. pp. 1-2.

**Entrevistas Realizadas:**

Maria Ines Leda Piacesi concedida a Éverton Pimenta e Francisco de Castro Samarino e Souza. Belo Horizonte, 08/01/07.

Elge Ausonia Piacesi Calvi concedida ao autor. Barbacena, 08/06/06.

**Documento DOPS/MG no Arquivo Público Mineiro:**

Rolo 64, Pasta 4504, documento número 9, datado de 22/11/1937

**Jornais Utilizados:**

“Aroldo Piacesi”. Jornal *Cidade de Barbacena*. 01/07/54. Acervo Gráfica Cidade de Barbacena.

“Adeus Ines Piacesi”. Jornal *Cidade de Barbacena*. 07/02/81. Acervo Gráfica Cidade de Barbacena.

“Em paralelo” *Apollo Jornal*. 28/10/23. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

“Auditório Escolar” Jornal *O Rubicon*. 15/10/39. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

“Escola Nova” Jornal *O Rubicon*. 19/05/42. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

“8º Congresso Brasileiro de Educação” Jornal *Cidade de Barbacena*. 06/07/42. Acervo da Biblioteca Jurídica Adhimar Coutinho.

“Carta Aberta ao governador” Jornal *Cidade de Barbacena*. 21/01/43. Jornal *O Rubicon*. 09/07/39. Acervo da Biblioteca Jurídica Adhimar Coutinho.

Jornal *O Rubicon*. 23/07/39. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

Jornal *O Rubicon*. 22/10/39. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

Jornal *O Rubicon*. 04/05/41. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

“Expediente” Jornal *O Rubicon*. 20/02/38. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

“Decalogo da Mulher casada” Jornal *O Rubicon*. 20/03/38. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

“Rumo ao Lar” Jornal *O Rubicon*. 24/09/38. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

“O novo Regimen” Jornal *O Rubicon*. 25/05/41. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

“Ciumes” Jornal *O Rubicon*. 20/11/41. Acervo pessoal de Adriana Piacesi.

#### **Arquivos Pesquisados:**

Biblioteca Jurídica Dr. Adhimar Coutinho de Freitas. Barbacena-MG

Biblioteca Municipal Honório Armond. Barbacena-MG.

Acervo Gráfica Cidade de Barbacena. Barbacena-MG.

Arquivo Público Mineiro. Acervo DOPS-MG. Belo Horizonte

Acervo Pessoal Adriana Piacesi.

**Bibliografia:**

ALVARENGA, Plínio. *Barbacena Princesa dos Campos, Cidade das Rosas*. Barbacena: Editora Cidade de Barbacena, 1993.

ANDRADE, Luciana Teixeira de. *A Belo Horizonte dos modernistas: representações ambivalentes da cidade moderna*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BEAUVOIR: Simone. *O segundo sexo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BORGES, Fernando Tadeu de Miranda. “Casamento e Educação dos filhos no olhar de uma cuiabana letrada: Maria Dimpina.” In: PERARO, Maria Adenir; BORGES, Fernando Tadeu de Miranda (Orgs.). *Mulheres e famílias no Brasil*. Cuiabá: Carlini & Caniato, 2005. P. 173-182.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 7ª ed. pp. 183-191.

BURGUIÈRE, André. (Org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993. pp. 283-286.

BURKE, Peter. “A invenção da biografia e o Individualismo Renascentista.” In: *Revista Estudos Históricos 1997/1 n° 19: Indivíduo, Biografia, História*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista>. Acesso em 26/08/2006.

CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FERNANDES, Francisco, LUFT, Celso Pedro, GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário Brasileiro Globo*. São Paulo: Globo, 1996. 46 ed.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Minidicionário da língua portuguesa*. Coord. Marina Barid Ferreira, Margarida dos Anjos, equipe Elza Tavares Ferreira...[et al]. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993. 3ª ed. p. 75

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História e Gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

GUIMARÃES, Lúcia Maria Paschoal. “Biografia: a reabilitação de um gênero histórico.” (Texto inédito apresentado em aula magna no ICHS-UFOP em 2006)

HILL, Bridget. ““O trabalho doméstico é trabalho de mulher.” Tecnologia e a mudança no papel da dona de casa.” In: *Varia Historia*. Belo Horizonte, n° 14, Set/95, p. 34-48.

*HISTÓRIA ORAL: Revista da Associação Brasileira de História Oral*. N. 3, Jun. 2000. São Paulo: Associação Brasileira de História Oral, v. 3.

HOBSBAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

LE GOFF, Jacques. *São Luís*. Rio de Janeiro: Record, 1999. pp. 19-31.

LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. In: AMADO, Janaína, FERREIRA, Marieta de Moraes. (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. 7ª ed. pp. 167-182.

LOURO, Guacira Lopes. “Mulheres na sala de aula.” In: PRIORE, Mary del. (Org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 443-441.

MASSENA, Nestor da. *Barbacena: A terra e o homem*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1985. v. 1.

MERTON, Robert K. *A ambivalência sociológica e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MOMIGLIANO, Arnaldo. *As raízes clássicas da historiografia moderna*. Bauru: Edusc, 2004.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999

PANDOLFI, Dulce Chaves. “Os anos 1930: as incertezas do regime.” In: FERREIRA, Jorge, DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo do nacional- estatismo do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

PEREIRA, Lígia Maria Leite. *José Bonifácio Lafayette de Andrada: uma vida dedicada à política*. Belo Horizonte: BDMG Cultural, 1994.

PIACESI, Nelo Aimone. (Coord.). *Pedaços d'alma flores do coração*. Juiz de Fora: Esdeva Empresa Gráfica, 1981.

SALGADO, Plínio. *A Mulher no século XX*. São Paulo: Guanamby, 1949.

SAVASSI, Altair José. *Barbacena 200 anos*. Belo Horizonte: Editora Lemi, 1991. v. 2.

SCHMIDT, Benito Bisso. “Construindo biografias... Historiadores e Jornalistas: Aproximações e Afastamentos.” In: *Revista Estudos Históricos 1997/1 n° 19: Indivíduo, Biografia, História*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista>. Acesso em 26/08/2006

\_\_\_\_\_. *Um socialista no Rio Grande do Sul: Antônio Guedes Coutinho (1868-1945)*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

SCOTT, Joan. “História das mulheres.” In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992. P. 63-95.

SIMMEL, Georg. “Cultura Feminina.” In: SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. pp.67-92.

\_\_\_\_\_. “Psicologia do Coquetismo.” In: SIMMEL, Georg. *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. pp.93-112.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

WEBER, Marianne. *Weber: uma biografia*. Niterói: Casa Jorge Editorial, 2003.

WIRTH, John D. *O fiel da balança: Minas Gerais na federação brasileira 1889-1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

WOOLF, Virginia. *A Room of One's Own and other essays*. London: The Folio Society, 2000.